



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

ESTOU NO CORPO ERRADO: A REPRESENTAÇÃO
EDIPIANA NOS PROCESSOS IDENTIFICATÓRIOS.

MARIA ISABEL SOARES DIAS CARRILHO GOMES

Orientador de Dissertação:

ÂNGELA VILA REAL FERNANDES COSTA

Coordenador de Seminário de Dissertação:

ÂNGELA VILA REAL FERNANDES COSTA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Ângela Vila Real Fernandes Costa, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006

AGRADECIMENTOS

À Minha Mãe, ao Meu Pai e á Elvira. Pelos esforços incondicionais que me permitiram a realização de um Sonho antigo. Pelo investimento. Pelo materializar deste Sonho. Por acreditarem em mim. Um Eterno Obrigada.

Aos meus filhos Pedro e Diogo, a minha grande força. Pela paciência e tolerância com que souberam suportar as minhas ausências e as horas mais difíceis. Pela confiança com que me apoiaram em todos os meus projectos. Pela energia que me souberam transmitir sempre. Pelas demonstrações do vosso carinho. Por acreditarem em mim. Por serem quem são. Obrigada por me Presentearem Diariamente com o Vosso Amor.

Á minha Tia Adelaide. Por me embalar as angústias. Por me conter. Por me dizer em todos os momentos que precisei de o ouvir “ continua que vais conseguir”. Por acreditar em mim sempre. Um Eterno Obrigada.

À minha irmã Marta, à Bé, à Ruthe, à Martha, á Rosa Almeida e à Isabel Duarte. Por me ajudarem nesta caminhada com simplicidade, carinho e conforto. Por quem são, Obrigada.

À Lena minha companheira de viagem e ao Cabrita pelas horas em que estivemos juntos. Por terem servido de Porto Seguro nos momentos de angústia e ansiedade, nas alturas de incerteza. Por Acreditarem em mim. Trago-os Comigo.

À Professora Luísa Vicente pela confiança que em mim depositou desde o primeiro dia. Pelos horizontes novos que sempre soube abrir, pelas Oportunidades de Aprendizagem. Por ter marcado de forma muito significativa o meu Caminho e o meu Ser.

À professora Ângela Vila Real. Pelas valiosas Sugestões. Por partilhar comigo a sua Sabedoria e a sua Essência, com uma Generosidade, Honestidade, Sensatez e Inteligência pouco comuns. Pelo Ser Humano, pelo seu Profissionalismo e pela sua Amizade, é e será sempre uma referência para mim. Por todos os Ensinos que me transmitiu. Não mais será esquecida.

A todos o meu profundo e sincero agradecimento. Obrigada!

RESUMO

Na nossa sociedade, a família é o lugar privilegiado de construção do *eu*, masculino ou feminino. A criança nasce com um sexo biológico e através da sociedade, da cultura e da família onde está inserida vai desenvolvendo o seu género sexual (Kimmel, 200; Stets & Burke, 2000). Um referencial teórico importante para tal, é a psicanálise, pois no momento em que tem como uma das suas maiores preocupações a compreensão da construção do sujeito, a identidade de género torna-se assim central, pelo fato de permitir uma interpretação, dinâmica da construção dos sujeitos sexuais. No presente estudo de caso, de carácter qualitativo, procurou-se compreender e viabilizar através da apreciação do processo-resposta Rorschach, o acesso à dinâmica intrapsíquica subjacente ao desenvolvimento da identidade de género. Foram estabelecidos como operadores organizativos as referências edípicas e o *eu* relacional. Tendo-se os procedimentos propostos revelado relevantes para a ampliação do potencial clínico da técnica do Rorschach, na compreensão de um mundo angustias fusionais aliadas às dificuldades do manejo pulsional que o fazem desorganizar e lhe impedem o acesso à constituição de processos identificatórios. O princípio da realidade não está estabilizado, algumas falhas de realidade. Representação de si frágil e desvalorizada, balanceando entre o forte/ fraco grande/ pequeno numa.

Palavras-chave: Identidade Sexual, Édipo, Rorschach

ABSTRACT

In our society, the family is the privileged place of construction of the self male or female. A child is born with a biological sex and through society, culture and family where it is inserted vai developing their gender sexual (Kimmel, 200; Stets & Burke, 2000). A theoretical framework for this important, is psychoanalysis, because the moment that has as one of its major concerns understanding the construction of the subject, gender identity thus becomes central because permit an interpretation of dynamic construction of sexual subject. In this case study of a qualitative nature, we tried to understand and facilitate the process by assessing response Rorschach, access to the intrapsychic dynamics underlying the development of gender identity. The established operators organizational references and I Oedipal relational. Taking up the proposed procedures revealed relevant to expand the clinical potential of the Rorschach technique, understanding of an inner world fusional anguish allied ace of management difficulties that make instinctual disrupt him and prevent access to the constitution process identificatórios. O principle of reality is not stabilized, some failures reality. Representation fragile and devalued, balancing between strong / weak big / small a

Key-Words: Sexual Identity, Oedipus, Rorschach

ÍNDICE

I- Introdução	1
1.1. Aspectos Biológicos da Sexualidade Humana	4
1.2. Género, Identidade de Género e Identidade Sexual	6
1.3. O Desenvolvimento da Identidade Sexual na Perspetiva Psicanalítica	10
1.3.1. O Édipo nos Processos Identificatórios: Abordagem Psicossexual.....	11
1.3.2. O <i>Eu</i> relacional – O Desenvolvimento do Masculino e do Feminino	16
1.4. O Transtorno da Identidade de Género em Crianças	19
1.5. Objetivo do Estudo	21
II- Método	
2.1. Participante	22
2.2. Instrumento	23
2.3. Procedimentos	29
III- Resultados	
3.1. Apresentação e Análise de Dados: Análise do Protocolo Manuel.....	32
3.1.1. Análise Quantitativa: Leitura dos Traços Salientes.....	32
3.1.2. Análise Qualitativa	33
3.1.3. Análise de Categorias: Síntese e Integração	36
IV- Discussão e Conclusão	39
Referências Bibliográficas	41
Anexos	
Anexo A: Valores Normativos para a Escola Francesa do Rorschach.....	51
Anexo B: Protocolo do Rorschach.....	52
Anexo C: Psicograma.....	56

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Modelo Compreensivo da Identificação Sexual	8
TABELA 2: Matriz Resumo do Segundo Momento do Édipo.....	15
TABELA 3: Procedimento de Análise do Protocolo.....	31

I. INTRODUÇÃO

As diferenças entre indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino estão comumente associadas a noções biológicas, sociais e culturais sobre masculinidade e feminilidade. A criança nasce com um sexo biológico e através da sociedade, da cultura e da família onde está inserida vai desenvolvendo o seu género sexual (Kimmel, 2000; Stets & Burke, 2000). Apesar das constantes alterações associadas ao que socialmente e culturalmente se espera do género masculino e feminino e da tentativa que se tem vindo a sentir para introduzir novos géneros sexuais, os papéis permanecem específicos e diferenciados (Amâncio, 1993; Freeman, 1993; Almeida & Carvalheira, 2007). Assim os próprios pais bem como outros agentes educativos assumem comportamentos diferenciados na educação e no tratamento das crianças, consoante sejam menino ou menina, recorrendo assim frequentemente a reforços, ora positivos ora negativos como sendo “És um menino muito corajoso” ou “Os meninos não brincam com bonecas”. São, então, reforços como estes que, potenciam a meninos e meninas, um comportamento como é “esperado” para o seu género, ficando deste modo implícito a construção de processos de identificação ao género. Também os brinquedos e/ou os programas infantis destacam muitas vezes os diferentes atributos que se esperam de uma menina ou de um menino.

No que diz respeito aos rapazes, estes “devem” desempenhar um papel mais ativo, comparativamente com as raparigas que “devem” apresentar-se mais passivas (Savedra & Barros, 1996). Assim o género será uma forma de referenciar as origens exclusivamente sociais das identidades que lhe estão subjetivas - uma criação social sobre os papéis indicadores de homens e de mulheres. Ou seja, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (Scott, 1989)

Em 1949 Simone de Beauvoir introduz uma perspetiva diferenciada sobre a visão social do género, traçando assim o caminho para o que viria mais tarde a ser cientificamente associado ao conceito de identidade de género. À identidade de género, que pode ser entendida como uma das componentes da identidade sexual, dirá respeito o estatuto de alguém se sentir homem ou mulher, tendo por base um conjunto de premissas, pessoais, sociais e legais, mas também a orientação sexual, não tendo, necessariamente, relação com o sexo do indivíduo (Silva, 1999, Almeida & Carvalheira, 2007). A identificação a um determinado género, nem sempre é congruente com o sexo biológico, havendo assim referência a que meninos tenham a convicção de serem

meninas bem como o contrário, como se tivessem “nascido num corpo errado” (Money, 1986).

Assim a identificação de um indivíduo ao feminino ou masculino está muito para além das determinações genéticas e das construções sociais. Sendo o indivíduo um todo que integra mente e corpo, e sendo a relação corpo-mente fundadora da constituição do “eu”, (Anzieu, 1988; Ferrari & Stella, 2000) importa assim averiguar sobre os processos mentais, conscientes ou inconscientes, que são mobilizados na construção da identidade sexual.

A teoria psicanalítica clássica, sustenta que a identidade sexual resulta da experiência dos processos psicosexuais (Laplache & Pontails, 1990). Esta conceitualização inaugura assim a possibilidade de uma noção da identidade sexual: para além dos meandros biológicos e dos papéis sociais, que se despoleta pela consciência das diferenças dos genitais entre meninas e meninos sendo essa consciência crucial no desenvolvimento da identidade de género (Sampaio & Garcia, 2010). Assim e de acordo com esta perspectiva, o principal mecanismo da construção identitária é a identificação aos progenitores, que se processa ao nível inconsciente, em que o menino incorpora muitos dos aspetos do pai, e a menina procura igualar-se à mãe, incluindo também todos os que se relacionam com o papel sexual. Isto acontece quando, as crianças começam a prestar atenção ao erotismo oriundo da zona genital, em que a pulsão sexual dirigida ao progenitor do sexo oposto leva a sentimentos de rivalidade pelo seu objeto de amor (Garcia, 2002; Goldgrub, 2009). A angústia desse amor incestuoso e o medo da perda do pénis que o iguala ao pai, leva a que os meninos substituam o sentimento de “querer ser o pai”, para querer “ser como o pai”, e nas meninas leva à inveja pelo poder do falo masculino num movimento de o obter “tal como a mãe”. O masculino e feminino, percebidos após o ativo/passivo e fálico/castrado, estarão, assim, na base da construção da identidade sexual (Afonso, 2007). Contudo existem outras correntes psicanalíticas que vêm contrapor a etiologia dos conflitos pulsionais intrapsíquicos, sublinhando a primazia da relação com o ambiente e colocando num plano secundário a criança em si (Loparic, 2002)

A revisão das teorias psicanalíticas clássicas vêm deste modo propor que o conhecimento das diferenças sexuais se apresenta muito precocemente e que as vicissitudes da vida pulsional, ocorridas na relação criança-pai-mãe, fixam a identidade ao longo de todo o processo de desenvolvimento (Ferrari & Stella, 2000; Afonso, 2007). Por outro lado tem sido questionada a simplificação da formação do masculino, bem

como a crença universal da valorização do falo (Goldgrub, 2009), sendo introduzidos contornos complementares na formação do feminino. No entanto, a contribuição de Freud terá sido fundamental para uma outra visão da sexualidade humana, retirando-a dum plano puramente biológico e colocando a tônica na natureza psicoafetiva (Bleichmar & Bleichmar, 1992).

Ao inscrever a sexualidade como um elemento constitutivo do ser humano, Freud rompe com a sua conceção como função reprodutiva trazendo-a para um campo pulsional, mediada pelos princípios do prazer/desprazer (Laplache & Pontalis, 1990), pela consciência das diferenças anatómicas e pela relação de amor primário. A relação mãe-bebé ao ser triangulada com a figura paterna, possibilitará a construção da identificação a um dos progenitores (Garcia, 2002; Goldgrub, 2009) e por conseguinte à construção identitária.

No primeiro capítulo do estudo foi feita uma revisão de literatura sobre as relações entre, a referência edipiana e o processo identificatório, procurando depois definir, sob o ponto de vista terminológico (i.e.diferencial) e funcional, a representação de si, em particular a identidade sexual, com ênfase nas teorias oriundas de escolas psicanalíticas. É também apresentado o objetivo do estudo.

O segundo capítulo do estudo, de cariz metodológico apresenta-se subdividido em três. O primeiro subcapítulo apresenta o participante, o segundo subcapítulo refere o instrumento utilizado e por fim o terceiro subcapítulo apresenta os procedimentos referentes à análise do protocolo. Este último subcapítulo pretende mostrar o modo como se procurou pela narrativa, realizar uma leitura do fenómeno da construção da identidade de género e sexual à luz: das abordagens psicanalíticas sobre a importância do Édipo, a representação de si, com destaque ao par parental e em particular à cena primitiva, com referência à introspecção do par pai/mãe enquanto objetos identificatórios.

No terceiro capítulo é feita a apresentação e análise dos dados encontrados na apreciação, quantitativa e qualitativa do protocolo Rorschach.

O quarto capítulo contempla a discussão dos resultados obtidos, relacionando a teoria com o objetivo do estudo. Refletiu-se sobre os itens de análise encontrados no protocolo, em articulação com os procedimentos previamente definidos. Por último serão feitas as considerações finais acerca do presente estudo, fundamentando-se assim a sua pertinência para a Psicologia, e mais concretamente, para as metodologias

projectivas, propondo-se assim no contexto de uma perspectiva de estudos posteriores, novas abordagens pelas provas projetivas.

1.1. Aspectos Biológicos da Sexualidade Humana

De acordo com a cultura ocidental, podemos referir que o conceito de sexo está intimamente ligado ao aspeto biológico, remetendo para o sexo genético (cromossomas) e para o sexo da genitália externa, sendo este último determinante para a identidade jurídica.

O sexo biológico é determinado pelo genoma de cada indivíduo, recebido da informação genética dos seus progenitores na fecundação; é o último dos 23 pares de cromossomas (XY) do macho que irá determinar o sexo do novo ser. Da divisão das células diplóides na produção dos gâmetas, poderá resultar um zigoto com um par de cromossomas XX (fêmea) ou XY (macho). Este é o começo da diferenciação biológica do género sexual dum indivíduo (Parisotto et tal, 2003). No útero materno, o zigoto, naturalmente feminino, apenas se torna masculino se o gene SRY (entre outros), estiver presente. Este gene, dominante, promoverá a mudança do tecido reprodutivo de ovário para testículo, a masculinização do cérebro, e todo um conjunto de diferenciações físicas, que se tornarão mais evidentes na puberdade. Existirá, então, uma forte relação entre as hormonas, a masculinização e o desenvolvimento do cérebro bem como do sistema nervoso central do feto, conforme defende Breedlove (2002), acreditando assim que a orientação sexual masculina será estabelecida antes do nascimento.

Desde a publicação da obra de Darwin – *The Descent of Man and Selection in Relation to sex*, em 1871, que se debate a possível relação entre as diferenças físicas, comportamentais e sociais do homem e da mulher, com a morfologia cerebral. Segundo Bear et al. (2001), se o aspecto físico e a função reprodutora diferem entre homem e mulher, será previsível que existam duas estruturas morfológicas do cérebro. Tal, dever-se-á às especificidades da cada sexo, que requerem um controlo de funções diferenciado, ao nível do sistema nervoso central, pelo hipotálamo. Nas regiões do córtex, a camada externa do cérebro que realiza grande parte de seu processamento de alto nível, é mais espessas nas mulheres. No hipocampo, onde as memórias iniciais são formadas, o cérebro feminino apresenta maiores dimensões face ao masculino. Técnicas recentes, permitiram a visualização de imagens que comprovam a diferença da atividade cerebral entre os dois sexos (McCarthy, 2011).

Assim, sem deixar de considerar o contexto sócio-cultural, a morfologia cerebral não será, só por si, totalmente responsável pelas diferenças, pelo modo como resolvem os problemas, as aptidões cognitivas, ou as preferências sexuais, remetendo assim para a importância de estudar, entre outros fatores a influência endocrinológica na construção da identidade sexual bem como para uma melhor compreensão desta temática (Gooren, 2006).

Na atividade sexual do homem intervêm, essencialmente, dois tipos de hormonas: as hormonas masculinas ou androgénios, produzidas pelos testículos – a testosterona, e as hormonas produzidas ao nível do complexo hipotálamo-hipófise. O hipotálamo produz neuro-hormonas que estimulam a produção das hormonas hipofisárias: a FSH (hormona estimuladora dos folículos) e a LH (hormona luteinizante). São estas duas hormonas que estimulam o funcionamento das glândulas sexuais ou gónadas, razão pela qual são designadas por gonadoestimulinas ou gonadotrofinas. Apesar de se encontrar em ambos os sexos, a testosterona está, significativamente, mais presente nos adultos do sexo masculino, tendo um papel determinante na diferenciação dos sexos (Parisotto et al, 2003; Breedlove, 2002). É assim esta, a hormona responsável pelo desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários masculinos, como por exemplo, o crescimento da barba, o desenvolvimento muscular, a voz grave, etc.. É uma hormona particularmente importante na libido e no desempenho sexual. No ciclo sexual da mulher, são as hormonas hipofisárias, (FSH e LH) que estimulam a produção do estrogénio e da progesterona, pelas gónadas. O estrogénio: provoca, a partir da puberdade, o desenvolvimento morfológico típico do sexo feminino. Por outro lado, a progesterona prepara a mulher para a gravidez (Parisotto et al, 2003).

Vários são os autores que defendem a identificação sexual muito para além do sexo biológico, da estrutura cerebral ou da química hormonal (Shively & DeCecco, 1977; Silva, 1999). Um caso indicativo será o de David (conhecido por JohnJoan), um rapaz, paciente de J. Money, que ficou com o seu pénis destruído devido a uma circuncisão mal feita aos oito meses de vida. Na altura, os médicos aconselharam a castração e a construção duma vagina. “Joan” foi considerada pelos médicos e cientistas um caso de sucesso e a prova de que os padrões convencionais sobre o comportamento masculino ou feminino podem ser alterados e até se sobreporem à herança genética. Assim a teoria defendida inicialmente por John Money assenta nos pressupostos de que a identidade masculina ou feminina (identidade de género) resultaria, do modo como as crianças são criadas. Segundo Diamond (1965,1997) que se opõe às teorias sociais de

Money, apesar de ser “educado como uma rapariga” e de ter recebido tratamento hormonal, “Joan” nunca se sentiu bem no seu papel. À medida que foi crescendo, sentia-se mais atraído por raparigas do que por rapazes e a partir de determinada altura, apesar do seu corpo ser fisicamente igual ao de uma rapariga recusou aceitar-se como tal. Quando soube da sua história, tentou recuperar as características físicas masculinas – tentou reconstruir o pénis e retirou os seios, acabando até por casar com um indivíduo do sexo feminino. Apesar dos esforços, David não terá conseguido encontrar a sua identidade sexual, acabando por se suicidar.

Casos como este remetem, por um lado para os transtornos relacionadas com identidade de género, e por outro, para a importância da análise dos movimentos psicológicos do indivíduo face à sua sexualidade.

1.2. Género, Identidade de Género e Identidade Sexual

As questões relativas ao género têm sido estudadas pelas várias áreas científicas, desde a sociologia, passando pela neurobiologia e pela filosofia em particular, após os anos 70 e em grande parte impulsionada pelos movimentos feministas. Historicamente o conceito de género foi utilizado quase como um sinónimo de “mulher” (Scott, 1999). Os diversos movimentos feministas deram não só origem a debates, mas também à emergência de ideias diversificadas e inovadoras, como a que postula Judith Butler. Nos anos 90, esta investigadora, publica *Gender Trouble*, uma obra que integra perspectivas filosóficas e culturais em torno das reflexões sobre *género*, feminismo e identidade (Butler, 1990). Em estudos anteriores Butler (1987; 1996), ter-se-á questionado sobre a questão do género e até onde a mesma poderia ser uma escolha.

Partindo então da ideia de que as pessoas não são somente construídas socialmente, mas que, de certo modo se constroem a si próprias, Butler considerou *género* como “o resultado de um processo mediante o qual recebemos significados culturais mas também os inovamos”. Daí que para Butler “escolher” o nosso *género* significa interpretar as normas de *género* recebidas de forma tal a reproduzi-las e reorganizá-las de maneira diferente. Desde então, Butler coloca a ideia provocadora de que o *género* é um projeto para renovar a história cultural nos nossos próprios termos corpóreos.

No entanto parece ser maioritariamente aceite na comunidade científica que os fatores psico-sociais assumem uma grande relevância na moldagem do sentimento dos

homens enquanto homens e das mulheres enquanto mulheres, condicionando os seus respetivos comportamentos (Person, 1980; Parisotto et al, 2003). Destacam-se assim três das teorias que procuram explicar os efeitos desses fatores, são elas: a teoria da aprendizagem social, a teoria cognitiva-desenvolvimentista e a teoria psicanalítica, sendo esta última revisitada com um maior detalhe.

Segundo a Teoria da Aprendizagem Social o papel e a identidade do género nada tem a ver com pulsões sexuais (tal como defendido por Freud). Bussey & Bandura (1999) explicam que a criança adquire a tipificação sexual através de duas formas: pela instrução direta e pela observação. As crianças comportam-se de acordo com o seu sexo simplesmente porque são reforçadas positivamente ou punidas. Aprendem por imitação, escolhendo como modelo o progenitor do seu próprio sexo: a menina imita a mãe e assim é recompensada por se tornar bonita, por embalar a boneca, etc; o menino que imita os atos maternos vai ser ridicularizado e chamado menina, logo será preferível que imite o pai que o recompensa por fazer coisas de rapaz (Rotter 1990). Esta teoria defende que são os reforços (punição e recompensa) que levam a criança a comportar-se socialmente com o que é esperado para o seu género.

A perspetiva Cognitiva- Desenvolvimentista procura perceber as dinâmicas do desenvolvimento cognitivo, onde se inclui a compreensão da identidade de género, através da interação progressiva da criança com o meio (Kimmel, 2000).

Segundo este modelo, a construção da identidade, pressupõe um processo de auto-categorização, ou seja, através da comparação das semelhanças e das diferenças percecionadas relativamente aos indivíduos duma mesma categoria é feita uma rotulagem de pertença a um determinado grupo (Stets & Bruke, 2000). Para esta categorização são analisadas as crenças, atitudes, linguagem, estilos e comportamentos, dando assim origem a uma combinação identitária única. Kohlberg (1966) considera a identificação sexual como o resultado das construções internas e do julgamento cognitivo que se faz em função de se “ser menino” ou “ser menina”. A partir desta avaliação cognitiva é-lhe possível organizar as suas atitudes sexuais, dando mais ênfase às que valorizam a sua identidade. É, então, assim o estabelecimento da identidade de género que guia a perceção dos estereótipos feminino e masculino e, conseqüentemente, o desenvolvimento dos atributos de género. Segundo o mesmo autor, as crianças aprendem o seu papel sexual e desenvolvem a sua identidade de género em função da compreensão e das construções cognitivas sobre o que as rodeia, mediada pelos que lhe

estão próximos. Neste sentido, a identificação da criança com o progenitor só se irá verificar após a aquisição da identidade do género.

Martin e Halverson (1981) apresentam o conceito de esquema para compreender e explicar os processos cognitivos envolvidos no desenvolvimento da identidade, de acordo com o género sexual. O género será assim uma representação mental dos comportamentos, atitudes e atributos associados a um determinado género, em função da cultura onde está inserido. E assim segundo a sua teoria rapazes e raparigas vão elaborando esquemas diferenciados do que é esperado e apropriado para cada género (Freeman, 1993), adotando um estilo de vida adequado ao esquema de ser masculino ou feminino.

Outros autores elaboraram modelos teóricos multifactoriais sobre a identificação sexual, envolvendo componentes estruturais e funcionais distintos. Ashmore (1990) propõe uma abordagem da identificação sexual em 3 níveis diferentes mas que se ligam entre si: a identidade de género – que diz respeito à incorporação do auto-conceito relativo à construção social do género e do sexo biológico, as crenças relativas ao masculino/feminino, e a avaliação das atitudes relativas ao género.

Shiveley & DeCecco (1977, 1993), elaboraram um modelo compreensivo da identidade sexual que engloba quatro principais fatores:

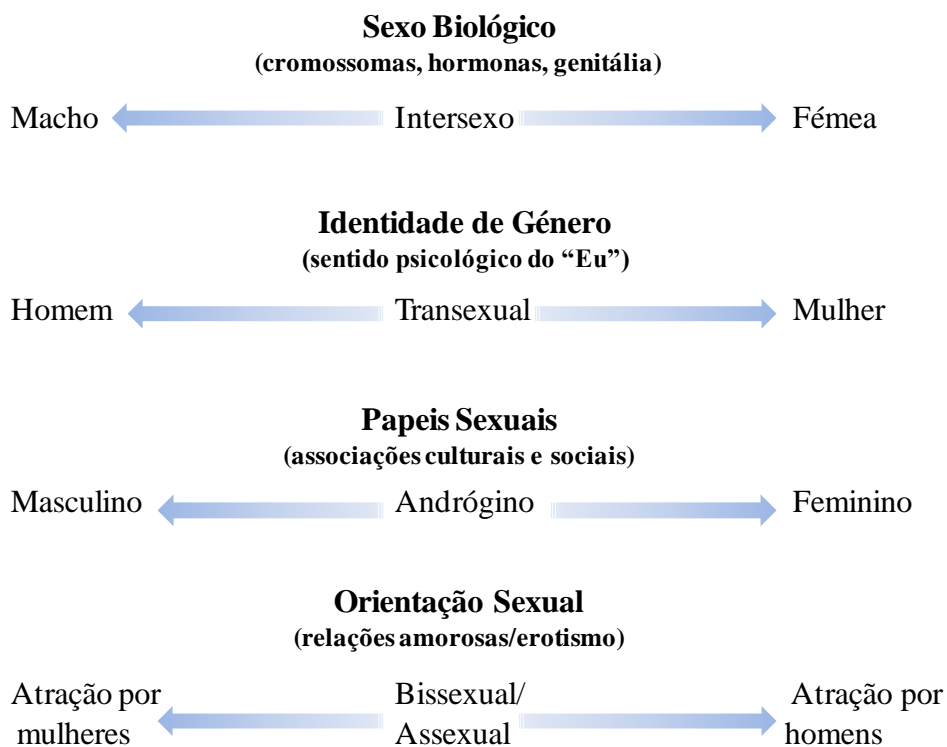


Tabela 1. Modelo Compreensivo da Identificação Sexual de Shiveley & DeCecco (1977,1993)

Segundo este modelo, a identidade sexual é dada pelo sexo biológico, pela convicção do indivíduo de ser homem ou mulher (identidade de gênero), pelas características sociais esperadas para o feminino e o masculino (papéis sexuais) e pelas preferências sexuais e afetivas desenvolvidas, essencialmente, a partir da adolescência (orientação sexual).

No que concerne ao modelo psicanalítico, de um modo geral, os autores consideram que o desenvolvimento do gênero começa com o “rótulo” do recém-nascido em “masculino” ou “feminino” e que estará assim associado ao tratamento diferenciado pelos pais/pares ao longo de toda a sua infância (Laplanche, 1997). Contudo será a consciência da diferença ao nível genitália que despoleta a identificação da criança com o progenitor do mesmo sexo bem como a adoção de comportamentos sexuais idênticos. Esta identificação resulta, assim, então de processos psicológicos, através dos quais um indivíduo assume as semelhanças sexuais entre o *Eu* e o *Outro*, não sendo determinado predominantemente pelo gênero biológico (Garcia, 2002).

As questões sobre a construção do sentimento de identidade sexual têm provocado alguma inquietude nos debates entre psicanalistas, sendo que, várias correntes psicanalíticas elaboraram referenciais teóricos divergentes em relação à primazia da uma masculinidade/feminilidade inata ou se, por contrário, a masculinidade e a feminilidade são adquiridas, e, isto independentemente do sexo anatómico (Spence, 1984, Almeida & Carvalheira, 2007)

Na linha do pensamento psicanalítico, importa relevar os contributos do psicanalista americano Robert Stoller para a definição de identidade de gênero. Para este investigador da área da sexualidade, é fundamental uma distinção entre sexo, gênero e núcleo de identidade de gênero, para que se possa compreender a constituição da identidade de gênero, na medida em que esta identidade pressupõe motivações de cariz psicológico (Stoller, 1979). Se o sexo diz respeito a uma condição biológica de distinção (macho e fêmea), gênero dirá respeito à condição social associada à masculinidade e à feminilidade (Stoller, 1984). A identidade de gênero começa assim, com a percepção de que se pertence a determinado sexo, e neste sentido será desenvolvida pelo processo de socialização (pais, amigos, escola, etc.) e pelos papéis sexuais definidos culturalmente. Ao resultado da influência dos fatores biológicos (interpretação das atitudes dos pais face ao seu sexo), dos fenómenos bio-psíquicos envolvidos na relação precoce mãe-bebé e do desenvolvimento do ego corporal

(dimensão psicológica definida pelas sensações genitais), Stoller chamou de “núcleo da identidade de gênero”. O núcleo da identidade de gênero, sendo anterior à identidade de gênero, será uma mistura entre o feminino e o masculino e possibilitará à criança a validação de que a atribuição do sexo biológico é a correta. Ela impõe-se antes dos dois anos de idade, estando consolidada por volta dos 3 anos, e irá persistir até a idade adulta, aquando da escolha do objeto sexual do sujeito (Stoller, 1979, 1984). Contrariamente a Freud que defendia uma libido masculina, este psicanalista considera que existe uma identificação primária da criança (quer seja menino ou menina) à mãe, e portanto, ao feminino, sendo necessário um percurso igualmente complexo de construção da masculinidade. Para aceder à masculinidade é necessário a mãe “permitir” ao menino a *des-identificação* (materna, com a saída dum “estado fusional” e a incorporação de outras “linguagens”, como a presença paterna, e conseqüentemente a *contra-identificação* ao pai (Greenson, 1968). Uma continuidade fusional com a mãe, conduzirá, segundo Stoller a um “excesso de feminilidade ou falta de masculinidade”.

Por outro lado uma carência fusional primária por parte da mãe poderá levar à situação contrária, ou seja, a estar exageradamente masculino onde emergem defesas maioritariamente fálicas. Em suma, segundo este modelo explicativo, a identificação sexual dirá respeito ao contexto biológico, enquanto que a identificação de gênero implica uma construção psicológica complexa dum estado de ser feminino ou masculino. A identidade de gênero será, assim, formada pela influência de três principais fatores: a componente biológica (hormonas e anatomia), o sexo com que se nasce e pelas influências psicológicas, relativas aos papéis sexuais, impostos a cada gênero.

1.3. O Desenvolvimento da Identidade Sexual na Perspetiva Psicanalítica

Face ao caso que nos propomos analisar, consideramos ser pertinente encontrar suporte teórico nos conceitos psicanalíticos, que procuram compreender a construção identitária à luz do desenvolvimento Psicosexual da criança, com ênfase no Complexo de Édipo, e na Teoria das Relações de Objeto. Os seus principais investigadores surgiram respetivamente na Escola Francesa e na Escola Anglo-Americana. Apesar de ambas as escolas centraram os seus estudos nas etapas de desenvolvimento da criança, a Escola Francesa teve como ponto de partida o prazer sentido pela criança em determinada idade/zona do corpo estimulada, enquanto que a Escola Anglo-Americana remete para a importância da componente relacional, em particular, para a

internalização dos sentimentos, que resultam das relações significativas que a criança vai experienciando (Powell, 2004; Ferrari, & Stella, 2000).

A partir das teorizações de Freud, foram várias as derivações teóricas relativas ao entendimento do Édipo na criança, sendo algumas delas bastante divergentes entre si. No entanto, apresentam-se como relevantes na importância das suas concepções para uma nova compreensão do mundo interno do sujeito, bem como do modo como este se posiciona na construção quer identitária quer na sexualidade. Freud salienta assim a dificuldade em definir masculino e feminino, uma vez que não remete exclusivamente para a realidade anatômica, mas remetendo a significação destas noções a resultados de processos bem mais complexos e que integram a identificação e as posições edípicas (Laplanche, 1997).

A teoria freudiana do desenvolvimento da feminilidade e da masculinidade, baseia-se na construção da identidade sexual como um produto resultante de frustrações, conflitos e traumas, mas também da forma como são elaborados e ultrapassados. Freud explica a constituição da identidade sexual tendo por base o seu modelo de entendimento do desenvolvimento psicosexual, e assenta no medo da castração para os meninos e na inveja do pênis para as meninas (Garcia, 2002; Afonso, 2007). Essa diferenciação tornar-se-á mais definida na puberdade/adolescência, período em que ocorre um retorno a um estado relacional do tipo Edípico. Coimbra de Matos (1996/2006) refere que a consolidação da identidade se faz na adolescência, período em quem é feita a passagem da identificação a um modelo semelhante (identidade xenomórfica) para uma identificação conseguida pela aprendizagem e interiorização dos comportamentos diretamente observáveis (identidade idiomórfica).

1.3.1. O Édipo nos Processos identificatórios: Abordagem Psicosexual

A primeira conceptualização Freudiana sobre o Édipo surge sem referência ao “complexo” e diria respeito à descoberta da paixão pela mãe e do ciúme pelo pai, que acontece no início da infância. Mais tarde, no texto *Três Ensaio sobre a Sexualidade* aparece a expressão “Complexo de Édipo” para designar um movimento orientador da sexualidade na criança (Garcia, 2002). Num primeiro momento Freud conceptualiza o Édipo com base nos pressupostos empíricos da observação de crianças, separando o desenvolvimento do Complexo de Édipo da sexualidade, que estava remetida para os princípios orgânicos do prazer/desprazer e sem associação dos afetos aos órgãos

genitais. O Complexo de Édipo será, então, um fenômeno inconsciente onde são mobilizadas pulsões, afetos e representações ligadas aos pais. Surge então o conceito de identificação como sendo fundamental para compreender a afetividade e a construção identitária (Silva, 1999; Garcia, 2002).

Mais tarde Freud altera a sua concepção da sexualidade infantil, passando a valorizar as fantasias inconscientes e atribuindo uma importância fundamental à genitália na elaboração do Édipo (Goldgrub, 2009). Assim e segundo o modelo de desenvolvimento Psicosexual, na fase pré-ediariana, a criança será capaz de começar a distinguir o *eu* do *outro* e, a partir do que lhe dá ou não prazer, a desenvolver mecanismos de rejeição ou de incorporação (dado pela sucção), dum erotismo oral. Segundo Freud (1969) existirá nesta altura uma socialização entre ativo e passivo.

Por volta dos dois anos e com o controlo dos esfíncteres a criança desenvolve o erotismo anal. Nesta fase uma pulsão sádica situa a criança numa polaridade mais passiva. A criança começa então a descobrir e a manipular os órgãos sexuais e é por volta dos três anos que o erotismo é passado para a genitália. Ao mesmo tempo a criança começa a ter consciência das diferenças entre meninos e meninas. Freud chama a este estágio do desenvolvimento psicosexual a fase fálica, em que ocorre o Complexo de Édipo, sendo atribuída uma polaridade da libido mais passiva à menina e mais ativa ao menino, que se coloca “no lugar do pai”(Freud, 1976^a).

A polaridade masculino/feminino tem por base duas premissas, que nela se integram: as polaridades ativo vs passivo e fálico vs castrado: O *esforço para ser masculino* vai manifestar-se diferentemente: no rapaz, por meio de uma luta interna contra qualquer atitude passiva (ou feminina) e na rapariga, num movimento de passar a possuir o órgão genital masculino (Freud, 1976^a, 1996). Assim, na fase fálica existe apenas masculinidade, só na puberdade se verifica a coincidência da polaridade sexual ao masculino e ao feminino.

Neste sentido e em função da saída que se verificar na triangulação pai-mãe-filho, suportada pela ameaça de castração (no caso dos meninos) ou de sentimento de castração (no caso das meninas), a criança “escolhe” o seu objeto de desejo. Ao sentir-se amada pelo seu rival, que é também o seu objeto de amor, instala-se a culpa que lhe possibilita a identificação ao progenitor do mesmo sexo (Freud, 1976^b, 1996). A castração assumirá então um papel central no modelo estrutural do Complexo de Édipo, bem como na sua resolução, e conseqüentemente, na construção subjetiva da criança. (Goldgrub, 2009).

Ainda segundo Freud (1969), na fase pré-edípica a criança fantasia que todos têm um falo. Quando se depara com a ausência do pênis nas meninas (acredita que o clítoris é um pênis mais pequeno), o menino enfrenta a angústia de lhe poder acontecer o mesmo, (i.e. de ser punido com a castração), devido ao desejo que sente pela mãe. Sob a ameaça do fantasma da castração o menino percebe que não pode ocupar o lugar do pai, e num movimento de manutenção narcísica, começa a desejar “ser como o pai, agir como o pai, (i.e., identificar-se com o pai), para tal como ele seduzir a mãe (Freud, 1976b).

Já nas meninas será a aceitação da castração (pela inveja do pênis) que possibilita a entrada no Édipo (Freud, 1976a, 1976b). Perante a evidência da falta dum falo, culpabiliza a mãe pela sua “deficiência” e desloca o seu objeto de amor e de desejo para a figura paterna. A sua zona erógena passa do clítoris para a vagina que deseja ver preenchida com o falo que não tem - primeiro pelo pênis e depois pela sua representação através dum filho (e.g. nas brincadeiras com bonecas) (Freud, 1976c) Perante a irremediável realidade da ausência do pênis e perante o receio de perder o amor da mãe, a menina faz uma reaproximação à figura materna e, conseqüentemente, uma identificação à sua feminilidade, “tornando-se mulher” (Freud, 1972, 1976b).

Embora na situação edípica o agente castrador seja atribuído à figura do pai, que surge como um agente normativo, por contrapartida da mãe que oferece um amor incondicional, este último será apenas a figura representativa do fantasma de castração. Segundo Freud este fantasma originário (*Urphantasi*) tem as suas origens nas pulsões que constituem um “acervo filogénico”, ou seja, “ocorrências reais dos tempos primitivos da família humana, em que as crianças, nas suas fantasias, simplesmente preenchem os claros da verdade individual com a verdade pré-histórica” (Freud, 1976d). Este fantasma universal é tal, que invade a imaginação e reformula as experiências vividas, quando estas não se compatibilizam com a herança filogénica. O fantasma da castração surge assim como uma tentativa da criança dar uma explicação a um enigma que ela própria precisa de compreender, uma vez que para si, quem não tem falo é castrado (Freud, 1969, 1976d).

Assim, enquanto que no menino surge primeiro o conflito edípico e só depois a angústia de castração, nas meninas o processo é inverso, surge primeiro um sentimento de castração e só depois o conflito edípico. É, então, a fantasia da castração que possibilita ao menino a saída do Édipo, estando assim a masculinidade associada ao abandono da mãe como objeto incestuoso e à identificação com o pai. Para a construção

da sua identidade sexual o menino precisa de manter a mãe como objeto, e o pênis como zona erógena privilegiada. Já a menina obriga-se à realização de dois movimentos: a mudança da zona erógena e alteração do objeto de amor. A identificação secundária vem, segundo Bergeret (2004), complementar e organizar genitalmente a identificação primária de base narcísica, possibilitando a afirmação da identidade sexual.

Lacan, ainda que fiel à grande parte das teorias freudianas, propõe uma visão significativamente diferenciada do Complexo de Édipo. Numa primeira fase das suas conceções teóricas, considera que este Complexo deve ser visto numa perspectiva familiar, na medida em que será a família a porta-voz da cultura e a responsável pela educação e pela transmissão de comportamentos e representações (Dor, 1989; Elia, 1995). Por ter uma função estruturante em todas as famílias, seria um conceito psicológico Universal. Mais tarde, rompe com esta visão fenomenológica dos complexos familiares e centraliza a elaboração do Complexo de Édipo entre os domínios do imaginário e do simbólico (Bleichmar, & Bleichmar, 1992), onde a criança varia entre, o imaginar ser o objeto de desejo, e o ter o que simboliza o desejo. Propõe, então, a vivência do Complexo de Édipo em três momentos. Num primeiro momento - fase do espelho, que decorre entre os 6 e os 18 meses, surge um primeiro esboço, ainda que rudimentar, do ego (Imanishi, 2008). A criança identifica-se inicialmente a uma imago corporal, ou seja, a uma representação fantasmática de si, ainda que fragmentada, para depois e pela interação com o outro se ir percebendo como um todo (Dor, 1989). Representa a aquisição duma imagem corpórea e total de si, conseguida através de uma identificação narcísica com o Outro. Pelo discurso da mãe, o filho toma-se como sendo um falo imaginário, que completa a mãe, sendo que falo não tem o significado dum pênis mas sim dum corpo. Há, então, assim, uma identificação especular como o que a mãe deseja. Esta relação ternária (criança-mãe-falo) na verdade trata-se duma relação dual (mãe-criança) em que está impressa o simbolismo dum falo. Num segundo momento, a criança fantasia a existência de um pai, que designou por “Nome do Pai” (metáfora do desejo da mãe), que o separa da mãe e que priva a mãe do falo, provocando na mãe uma falta simbólica. Então fantasia que é o pai, onnipresente, que dita a lei (i.e. o pai é a Lei) - Lei da castração, e que é pela palavra do pai que acede ao que deseja ter (i.e. a mãe). Este pai que restabelece a ordem e que é o depositário do falo é, também, o que Lacan chama de pai simbólico, sendo esse pai simbólico que se faz presente como um significante (Lacan, 2005).

Agente/ Ação	Falta	Objeto
Pai (Castração)	Simbólica	Imaginário (falo)
Mãe simbólica (Frustração)	Imaginária	Real (seio)
Pai Imaginário (Privação)	Real	Simbólico (falo)

Tabela 2. Matriz resumo do 2º momento do Édipo (Lacan, 1995; 2005)

O terceiro momento corresponde à saída do Édipo. Há uma troca da identificação do objeto imaginário do desejo da mãe (i.e. do falo imaginário) para a identificação simbólica com o “Nome do Pai”. Ao reconhecer que nenhum dos três (pai-mãe-filho) é o falo, a criança percebe que pode ter ou não o falo. O menino identifica-se com a Lei do Pai, e a menina pela Lei do Pai, procurando o que o pai tem (Lacan, 2005). A castração simbólica possibilita assim a assunção de posições diferentes, em função do sexo, abrindo caminho para o feminino e o masculino (Barretta, 2012).

M. Klein veio reformular o complexo de Édipo tal como apresentado por Freud. Através da análise e do trabalho efetuado com crianças, Klein foi percebendo a existência de angústias primitivas e postulou a existência de um Ego e de um Super Ego precoce e desorganizado, mas capaz de permitir a elaboração de relações objetais reais e imaginárias (Hinshelwood, 1992). Sublinha que o resultado do contato inicial com o seio materno terá uma função estruturante do psiquismo tanto nos meninos como nas meninas deslocando assim a inveja do pénis para a inveja primária do seio que alimenta e reconforta dando assim ênfase à relação que se estabelece com o que considera ser o primeiro objeto da criança. A relação com o seio materno será, assim, o ponto de partida para o desenvolvimento do Complexo de Édipo, no primeiro ano de vida, e em ambos os sexos.

1.3.2. O *Eu* relacional – O Desenvolvimento do Masculino e do Feminino

A Teoria de Relações de Objeto, aqui representada por Melanie Klein, Winnicott e Chodorow, vem propor que a construção do mundo interno do sujeito, se vai formando pelas relações que este vai estabelecendo com suas figuras internas significativas, e que ao serem introjetadas se constituem como objetos.

Klein sustenta a existência duma posição feminina estruturante do psiquismo, tanto nos meninos como nas meninas, que tem por base a relação primária com o seio materno (Hinshelwood, 1992; Ferrari & Stella, 2000). Sublinha que nos meninos, a elaboração e vivência dessa posição é condição para que ele possa atingir a posição masculina; i.e., a possibilidade de viver desejos genitais primeiro em relação à mãe e depois a outras mulheres. Esse momento supõe a elaboração daquilo a que chamou o complexo edípico invertido, em que o pénis paterno é introjetado como um bom objeto, bem como as angústias de castração.

Importa aqui fazer um parênteses relativamente aos conceitos de introjeção, projecção e internalização, segundo a abordagem kleiniana. Tal como Freud, Klein, refere a existência de fantasias nas crianças, contudo vem propor que estas serão elaboradas desde o nascimento, revelando a expressão psíquica dos instintos (Segal, 1975). Num primeiro estágio projeta os seus sentimentos no objeto que conhece e com o qual se relaciona – o seio materno. Fantasia a existência de um seio clivado, que ou é bom (i.e. alimenta) ou é mau (i.e. frustra) e projetando a sua agressividade e os instintos destrutivos no “mau objeto” que se torna perigoso e persecutório. Partes do Self e do objeto interno são, assim, projetados para “dentro da mãe” para depois serem reconhecidos como sendo parte de si (i.e. a mãe passa a ser uma extensão do self), ou seja, dá-se o que se chama de identificação projetiva. Este mecanismo impede que os maus objetos fantasmaticamente alterados, sejam incorporados no próprio Self, de outro modo, sejam introjetados (Klein, 2006). De salientar que o introjetado resulta da interação entre as qualidades reais do objeto e aquilo que é projetado (i.e. ou é bom ou é mau), não havendo, ainda, lugar à percepção de um objeto inteiro (Segal, 1975). O objeto materno frustrante leva a que tanto o menino como a menina se afastem da mãe e procurem no pai um “bom objeto”. O seio materno e o pénis serão assim, os primeiros objetos a serem introjetados. Contudo e tal como o seio também o pénis não se revela totalmente gratificante. O bebé passa a ter dois objetos idealizados e dois objetos persecutórios, sendo que, a introjeção destes objetos primários serão a base da formação dos objetos internos, que resultam na formação do Superego precoce (Klein, 1981).

Ao contrário de Freud, para Klein, a formação do Superego diz respeito à entrada no Édipo precoce e não à sua dissolução (Segal, 1975). A culpa, o remorso e o medo de perda dos objetos, levam a que os sentimentos destrutivos e persecutórios característicos desta posição (esquizo-paranoide) sejam gradualmente substituídos por sentimentos de amor, de preservação, bem como à necessidade de reparação,

característicos da posição depressiva. Na fantasia de reparação, os impulsos sexuais surgem pela primeira vez e permitem a bifurcação da sexualidade. No menino, há o medo da castração, mas a relação positiva com o pai possibilita o introjetar do pai como um “bom objeto” e a identificação ao masculino. Na sua fantasia o menino irá usar o seu pénis para reparar os danos que o seu ódio fizeram ao interior da mãe. Já a menina não sai da “posição feminina”; o pénis do pai passa a ser introjetado como um “bom objeto” que pode gerar crianças e por isso um objeto de desejo (Klein, 1959; Segal 1975).

A introjeção e a prevalência dos bons objetos será fundamental para a dissolução do Édipo, contudo para que tal aconteça é necessário que, o bebé reconheça que quem gratifica é o mesmo que frustra e que estes se fundam, ou seja, que os objetos primariamente clivados (i.e. seio mau e seio bom), pelo qual tem sentimentos de ódio e amor, terão de ser integrados num objeto total (Segal, 1975). Será, então, através dos mecanismos de introjeção e de projeção dos objetos relacionais que a criança vai desenvolvendo o seu Ego.

Winnicott refere-se à qualidade do cuidado materno e não apenas à experiência relacional oral em torno da qual tudo se inicia. Contrariamente a Klein, sustenta que o conflito edipiano emerge das relações interpessoais e não das relações que o bebé estabelece com objetos parciais (Barretta, 2012). O bom seio, ou seja, uma *imago* positiva da mãe, é aquele que para além de alimentar, aconchega e que corresponde às necessidades do bebé (Winnicott, 2000). Este psicanalista considera que o desenvolvimento emocional, i.e., a capacidade da criança distinguir a fantasia das relações reais com os pais, não permitindo que as fantasias alterem essa realidade, é a base para uma vivência edipiana bem conseguida. Ainda que de uma maneira kleiniana se refira uma posição pré-depressiva (Barretta, 2012) que aconteceria durante o primeiro ano de vida. Winnicott considera que o Édipo acontece num momento tardio do desenvolvimento emocional, em que ocorre a passagem da relação com o objeto criado - subjetiva, para uma relação com a realidade percebida - objetiva (Loparic, 2005).

Winnicott vem deste modo rever a formação da sexualidade tendo por base dois principais conceitos que designou por *raiz instintual* e *raiz identitária* (Loparic, 2005). Uma das principais diferenças no que diz respeito à conceção freudiana da sexualidade, está relacionada com a triangulação edipiana. Ao considerar que, primariamente o bebé não existe fora do ambiente e da relação materna, estará subentendida uma relação *dual* e não triangular (Loparic, 2005). A sexualidade humana só seria assim desenvolvida,

tardamente, quando o sujeito se configura como uma pessoa inteira e separada do meio ambiente, onde pode então reconhecer a existência de terceiros e obter um conjunto de excitações “instituais” (pulsões sexuais para Freud). A imaginação vem permitir que esses instintos sejam organizados e controlados, sendo que, no Édipo esse controle é feito pela ideia de morte do pai, de castração e de satisfação da mãe (Winnicott, 2000). Contudo, segundo o autor, descentraliza a questão da castração na formação do masculino e do feminino, colocando o cerne da questão no amadurecimento pessoal e na formação da identidade. Assim, também os *instintos* têm um certo amadurecimento - algo equivalente ao desenvolvimento Psicosexual, mas com contornos e significações diferenciadas: por exemplo, chupar no dedo, não seria necessariamente uma procura de prazer mas uma forma de consolo, um substituto do seio materno (Winnicott, 1988).

Mais do que satisfação instintual estes objetos promoveriam o amadurecimento da identidade e a constituição da realidade externa, (tal como os objetos transicionais). Winnicott propõe, assim, uma visão da formação do masculino e do feminino como algo que deriva de um estágio bissexual, modelado pela relação objetal. Na relação primária do bebê com a mãe há uma relação de objeto *feminino puro* e uma identificação com a figura materna, identificação esta que se apresenta como fulcral para as restantes identificações futuras (Loparic, 2005). O bebê começa então a ter maturidade que lhe possibilita a percepção de se perceber diferente da mãe. Após a consciência do *ser* pode então emergir o *fazer*, associado ao *masculino puro*, que se mobiliza pelos *instintos*. Ao experienciar os próprios instintos, surge a necessidade de integrar o *self* e os instintos num corpo, diferente do corpo do outro. Está assim aberto o caminho para a percepção das diferenças anatômicas e sexuais. Enquanto que o menino, para se constituir num *self* masculino, terá de separar do feminino que já foi, e de quem já dependeu totalmente – a mãe, a menina não passa necessariamente por esta separação para desenvolver um *self* que lhe permitirá identificar-se ao feminino, e na idade adulta assumir os papéis de mãe e mulher (Safra, 2009).

Dentro da linha relacional, será ainda interessante revisitar as considerações de Chodorow no que diz respeito à formação da identidade sexual, em que associa fortemente à identidade de género. Esta psicanalista norte-americana, influenciada pelos trabalhos de M. Klein e de Karen Horney's, introduziu algum ruído na comunidade científica ao inverter as concepções freudianas da vivência do Édipo, ao considerar que ao contrário dos meninos, as meninas *passariam quase incólumes pelo Édipo* (Lago, 2010). Enquanto que os meninos para conseguir uma identificação secundária ao

masculino teriam de romper a identificação primária com a mãe, e por isso, com o feminino, para as meninas haveria uma continuidade identificatória à mãe e a assunção dos papéis sociais associados ao género feminino. Chodorow (cit por Scott, 1999) chega mesmo a afirmar que o desfecho do Édipo poderia ter uma leitura totalmente diferente se o pai se envolvesse mais nas tarefas de cuidados domésticos e familiares, habitualmente realizadas pelas mulheres, ou seja, novas formas relacionais na família levariam a diferentes identificações de género. A principal crítica à teoria psicanalítica clássica será a desconsideração da componente social que está implícita nas relações familiares. Para esta autora, a replicação das funções maternas e do feminino resultará da internalização de processos induzidos socialmente e de forma cíclica (Chodorow, 1978).

1.4. O Transtorno de Identidade de Género em Crianças

São vários os textos de Freud onde se encontram referências no que diz respeito à existência de uma predisposição bissexual inata, que permite trilhar o caminho para definir a identidade sexual, sendo que, a predominância da fantasia fálica faria emergir a indiferenciação entre masculino e feminino. No entanto sublinha que, apesar do desfecho positivo do Édipo produzir uma identificação do menino ao pai e da menina à mãe, podem existir situações alternativas (Freud, 1976b). No Édipo invertido, ou negativo, é pelo amor ao pai que se dá a posição inversa, ou seja, o menino na expectativa de se fazer amar pelo pai, o menino passa a “ser mulher” despoletando um conflito inconsciente que poderá ter duas saídas: o retorno da homossexualidade, ou o seu recalque.

Nas suas postulações iniciais os problemas identitários, poderiam estar na origem das neuroses, das perversões ou da homossexualidade (Nasio, 2007). A identificação do rapaz à mãe e a repulsa da vagina seria condutivo a uma homossexualidade masculina e a forte ligação da filha à mãe estaria na base da homossexualidade feminina (Goldgrub, 2008).

Lacan afirma que a homossexualidade masculina resultaria de um segundo tempo do Édipo mal conseguido, com a inversão da metáfora paterna: é a mãe que dita a lei ao pai. O pai como privador da mãe não é elaborado, passando a mãe a ter um significante fálico, ou seja, há uma recusa da castração (Barretta, 2012)

Melanie Klein (1928/1981) refere as excessivas manifestações de masculinidade como mecanismo para compensar as suas angústias face ao feminino.

Contudo, e segundo alguns autores (Scott, 1999; Goldgrub, 2008) as conceitualizações identificatórias da psicanálise mais ortodoxa, serão insuficientes para explicar as diversas formas possíveis de identificação ao género.

Relativamente à classificação das perturbações associadas ao género, desde o DSM IV que o termo transexual foi substituído por Perturbação da Identidade de Género. Actualmente, a permanência desta classificação continua a gerar bastante polémica, em particular no que diz respeito às crianças, na medida em que a um diagnóstico estará associado um tratamento.

E se ao diagnosticar a existência efetiva duma Perturbação de Identidade de Género se apresente como algo particularmente sensível, em crianças essa classificação deve ser atribuída com grande parcimónia, e tendo sempre por base critérios concomitantes. Para além das manifestações somáticas e comportamentais, deverá ser tido em conta a produção fantasmática da criança em relação às atitudes dos cuidadores (habitualmente os pais) e que podem levar à distorção identificatória (Grana, 2009).

Se a identidade de género se vai formando na infância, é importante lembrar que é na adolescência que são revividos os conflitos identificatórios, sendo que, o que poderia remeter na infância para um quadro de perturbação identitária poderá vir a revelar-se uma questão de orientação sexual sem perda identitária.

O transexualismo, ou "*síndrome de disforia de género*" (termo preferencial para alguns autores) em crianças é descrito como um desconforto com o seu sexo biológico, que pode manifestar, inclusive, repúdio pelos seus genitais. Stoller (1985), classifica as mães dessas crianças, em particular os meninos, como sendo frequentemente mulheres deprimidas, narcisicamente conturbadas, como que se o filho lhes viesse reparar uma falha falo-narcísica. A relação paterna alheada e passiva, como que excluída pela mãe, não permite a interiorização da imago paterna. Por outro lado há como que um *imprinting* dos comportamentos feminino por parte da mãe, numa relação simbiótica, que funcionaria como uma espécie de castração. Não seria, assim, vivida uma experiência edipiana, pois "não há pai", Este autor tentou "normalizar" as incongruências entre sexo e género (exemplo da homossexualidade) remetendo para questões de distúrbio do género, situações como o transexualismo.

Ovesey e Person (1999), psicanalistas que ainda hoje servem de referência ao estudo do transexualismo, consideram a existência de mais do que uma possibilidade de

identidade de género feminina, sendo que os transexuais masculinos terão uma identidade de género ambígua. Desde cedo que eles têm o desejo de ser uma menina.

Para estes autores, o transexualismo tem origem numa extrema ansiedade de separação que ocorre antes que a diferenciação objetal (mãe-bebé) se tenha completado. Para lidar com a angústia a criança refugia-se na fantasia duma fusão com a mãe. Mais tarde dividem a classificação do transexualismo em primário e secundário, sendo que, este último não resultaria duma relação simbiótica, mas sim duma relação vivida com objectos parciais.

Outros estudos (Bailey & Zucker, 1995) apontam os comportamentos de género das crianças como sendo preditores de virem a ter uma orientação homossexual, em particular em rapazes.

Para conhecer as problemáticas relacionadas com a identidade de género há que ter em conta a disposição genética, a influência endocrinológica/hormonal antes e depois do nascimento, as impressões sociais, alertando para a necessidade de estudos que aprofundem a compreensão das suas causas (Money, 1994)

1.5. O Objetivo do Estudo

O presente estudo, de carácter qualitativo, tem por objetivo aceder à natureza da dinâmica interna do indivíduo, de modo a compreender os mecanismos psíquicos, afetivos e relacionais que estão subjacentes ao desenvolvimento da identidade de género.

Por forma a realizar-se o objetivo será utilizado o método de Rorschach, uma metodologia projetiva, “*de natureza essencialmente clínica*” (Moita, 1983, p.5), situada no campo da apreensão e da projeção, que se constitui como “uma das técnicas projetivas de avaliação da personalidade mais divulgadas e utilizada na Psicologia Clínica” (Nick & Cabral, 2006, p.301).

Considerar-se-ão assim dois problemas de investigação preliminares para as funções que o desenvolvimento da identidade de género intenta cumprir: 1) referência edipiana 2) processos identificatórios..

II- MÉTODO

2.1.Participante

O protocolo foi recolhido em contexto Clínico. O Manuel, nome fictício, é encaminhado para a consulta de Pedopsiquiatria pelo médico de família, com ele trás uma informação que remete para “existência de angústias intensas de perda/separação e de castração relacionadas com a problemática identificatória”.

Com 8 anos de idade, Manuel é o elemento mais novo de uma fratria de dois. O irmão mais velho actualmente com 15 anos é fruto de uma anterior relação da mãe e é portador do *Síndrome de Tourette* (transtorno obsessivo-compulsivo, distúrbio do sono, ansiedade, depressão, comportamentos opositivos, agressivos e regressivos).

Manuel segundo a mãe, aos 3 anos de idade referiu textualmente que estava no corpo errado e desde essa altura tudo acontece com referência ao feminino. Para a escola quer levar bonecas e carrinhos de bebés, em casa o seu quarto apenas tem bonecas, e quando lá entra fecha imediatamente os cortinados para que ninguém do exterior o veja. Veste roupas e calça sapatos da mãe, e em casa pede para ser tratado por “Lúcia”. Este pedido é apenas satisfeito pela mãe porque o pai se recusa a fazê-lo. Fala frequentemente em modificações ao nível corporal e demonstra algum conhecimento sobre o assunto.

A Mãe refere que a gravidez foi planeada mas não esconde o desejo de que fosse uma menina. Aos quatro meses de gestação acontece um descolamento da placenta. O parto foi provocado.

Manuel foi amamentado apenas no primeiro mês de vida. Actualmente apresenta algumas dificuldades no que diz respeito aos comportamentos alimentares. Manuel come pouca quantidade e apenas as refeições principais. É também referido pela mãe que Manuel após cada refeição vai impreterivelmente ao Wc fazer có-có.

Actualmente e no que diz respeito ao período noturno, a mãe refere-o como bastante agitado e que o Manuel não consegue dormir no seu quarto. Dorme com a mãe no quarto de casal enquanto o pai dorme na sua cama ou na sala, sendo que por vezes este dorme com o pai mas também na cama do casal.

Ao nível do desenvolvimento físico Manuel apresenta-se como ligeiramente abaixo da média, estando por isso a ser acompanhado em consulta de Neuroendocrinologia.

2.2. Instrumento

O teste de Rorschach foi elaborado e sistematizado entre 1911 e 1921 por Herman Rorschach, consistindo num meio de psicodiagnóstico que recorre à “interpretação de formas fortuitas, (...) não específicas “ (Rorschach, 1951, p.15) para aceder “às dimensões ditas *estruturais* do funcionamento mental” (Marques, 1994, p.478). Estas formas configuram-se em dez pranchas com manchas de tinta estandardizadas (que variam em termos de cor, forma, esbatimento e complexidade) apresentadas sobre um fundo branco (i.e. na sua distribuição em torno de um eixo central) e relativamente simples, sendo umas mais nítidas e outras claramente esbatidas, que se constituem numa estrutura aberta, não figurativa (Rorschach, 1951: Fernandes, 1994: Coelho et. tal, 1998).

A utilização de métodos projetivos (termo introduzido por Frank em 1939) em detrimento de metodologias psicométricas, prende-se com a maleabilidade e poder de discriminação clínica que apresentam “na prática efetiva do conhecimento do outro” (Anzieu, 1980, cit. por Moita, 1983, p.5), bem como com o amplo campo de interpretação que proporcionam (Formiga & Mello, 2000), permitindo num espaço de tempo reduzido: “*pôr à vista o que está oculto, tornar o latente manifesto, trazer o interior à superfície (...)*” (Anzieu, 1970, cit. por Debroux, De Noose & Malaempré, 2009, p.8). O teste de Rorschach ocupa um espaço privilegiado na metodologia projetiva, viabilizando o acesso à essência dos processos intra e inter-pessoais do sujeito, “ao trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo, Um e Outro, subordinada pela relação, pela intersubjetividade” (Marques, 2005, p.25) mediante “o processo de construção de imagens, conceitos, símbolos que são as respostas Rorschach, mergulhadas que estão numa narrativa que as sustém” (*ibid*, p.24).

O encontro entre a Psicanálise e as técnicas projetivas remonta à teoria analítica do pensamento (o Rorschach como veículo para a tomada de informação acerca do *processo de pensar*) de Rapaport, através da qual o psicanalista procurou explicar o processo entre a apresentação do estímulo projetivo e a produção da resposta do sujeito, assente na premissa de que os resultados desta prova fossem passivos de ser explicados através do “vaivém entre projeção-imaginação e projeção-realidade” (Chabert, cit. por Marques, p.32). Estabelecendo um paralelo entre a situação projetiva, definida como “o encontro das duas subjetividades, que irão construir uma intersubjetividade numa interação singular e singularizante que interfere e cria a tarefa de (...) interpretar as

manchas Rorschach” (Marques, 2001, p.38), e a situação psicanalítica – viabilizado pela liberdade interpretativa total em ambos os momentos e pela valorização do que é apresentado, espontaneamente, à consciência – Anzieu (1976) designou a primeira de “psicanálise condenada” (Pires, 1987, p.36). No que concerne aos procedimentos de aplicação do Rorschach, considera-se ainda, que na situação projetiva se encontrem implicitamente, os dois grandes princípios da psicanálise: a regra da não-omissão – quando se solicita ao sujeito que *diga tudo o que poderia ver*, sem que haja uma escolha voluntária do material psíquico que aceda à sua consciência – e a regra de abstinência, pelo facto de o sujeito dever responder á mancha a que está a ser submetido (Chabert, 2003). Baer (1950) aproxima a situação-teste da situação de transferência, ao afirmar que “o examinador desempenha um papel semelhante ao do analista, pelo simples facto de que ele serve de ecrã de uma forma idêntica às projeções do examinado” (cit.por Marques, 2001, p.169).

A apresentação da prova decorre em dois momentos, sendo que no primeiro – fase de associação livre – as manchas de tinta são apresentadas ao sujeito “com uma instrução que o envolve num processo de estruturação de um material não estruturado, tentando com isso revelar a sua própria estrutura psicológica” (Moita, 1983, cit.por Coelho et tal., 1998, p.668) e, no segundo momento – fase do inquérito – “[se] procede à revisão das pranchas, de forma a inquirir o sujeito sobre as localizações, qualidade formal, determinantes e conteúdos do processo de resposta” (Coelho et tal., 1998, p.669). Moita (1983) considera que “a apresentação, como estímulo inicial de uma mancha uniforme a par da exigência de que lhe seja atribuído um conteúdo significativo, conduz [pelo carácter desconhecido e disruptivo das manchas] a uma situação onde o indivíduo experimenta o caos” (p.10). Ao induzir caos e disruptividade o processo de resposta Rorschach “põe à prova a integridade da presença de fundo da identificação primária (diferenciação, estabilidade, coerência) e da função contentora do conteúdo (transformação, integração, significação)” (Teixeira & Marques, 2009, p.285). Baer (1950) salientava que a angústia específica induzida pelo Rorschach é “a da perda da forma, que equivale, ao nível do inconsciente, à angústia de *perda do objeto*” (Marques, 2001, p.169). Para esta angústia ocorrem ainda como fatores: “a liberdade das respostas e de tempo [e] o fluxo relativo das instruções” (Sakamoto, Lapastini & Silva, 2003, p.14) que auferem à situação-teste o carácter de situação vazia – “a angústia associa-se a representações fantasmáticas inconscientes, que transparecem, então, no conteúdo das respostas, enquanto que os mecanismos de defesa do ego contra a angústia e contra os

fantasmas se manifestam principalmente nas características formais das respostas” (Anzieu, 1984, cit.por *ibid*, p.14). O mecanismo de defesa a que o ego recorrerá, primordialmente, para evitar a emergência “de pulsões e revivescência de traumas primitivos potenciados pela mancha informe” (Ventura, 2010, p.3) será a projeção, via de expressão regressiva, mobilizada “em vários sentidos diferentes, que vão da deformação à coloração do finito ao infinito (Marques, 2001, p.39). Verifica-se, porquanto, que “no decorrer da prova, o sujeito responde conteúdos projetados que não se alteram; o que se altera é o objeto possuidor desses mesmos conteúdos que deixa de ser o sujeito e passa a ser o objeto percebido” (Ventura, 2010, p.3). Por outro lado, a regressão (controlada), enquanto modo de funcionamento que serve a manutenção da regulação e da adaptação (i.e. regressão ao serviço do ego) emerge também no âmbito da situação teste, enquanto “*retorno a uma fase do desenvolvimento pré-verbal, fase essa que se experimentou como eficiente na redução da ansiedade e afastamento do perigo*” (*ibid*, p.4).

A Escola Francesa de Técnicas projetivas considera que a narrativa Rorschach é “*o resultado da articulação de mecanismos perceptivos e projetivos, entre o real e o fantasma(...)*” (Chabert, 1998, cit.por Ventura, 2010, p.4), caminhando a dinâmica projetiva no sentido de uma adaptação do sujeito à situação, ao apelar “*quer a fatores internos da sua personalidade – inatos ou adquiridos, modos habituais de reação perceptiva, de funcionamento do pensamento e do afeto – quer a fatores externos constituídos pelas características objetivas do estímulo e da situação*” (Moita, 1983,p.7). A instrução, as solicitações latentes e as solicitações manifestas do material agilizarão, então, a dupla mobilização entre as interferências perceptivas e projetivas, viabilizadas pela dicotomia objeto real – objeto potencial (Rosado & Marques, 2009). Marques (2005) considera que as imagens de Rorschach, enquanto narrativas pessoais, possibilitam a emergência de um *novo objeto* (no sentido psicanalítico do termo *objeto*),

que nasce da confrontação – envolvimento, proximidade e distancia, ligação e separação – entre interno e externo, que impõe um trabalho de transformação, construção, e comunicação de um sentido, submetido pelo contexto situacional e relacional onde as narrativas são solicitadas, emergem, são criadas e depois comunicadas (p.24).

Este objeto é recriado, porque investido com características mistas dos universos externo e interno (Marques, 1994). A identificação projetiva surge como o “veículo privilegiado que permite a compreensão do *como dar sentido* à mancha. Com base no

modelo continente – conteúdo (...) revela os aspetos comunicacionais, caracterizando-se a sua ação pelos movimentos progredientes e regredientes que conduzem e revelam o pensamento” (Marques, 1999, cit. por Tröger & Pinheiro, 2009, p.322). Alargando-se o sentido do termo além do seu significado patológico, considera-se que a identificação projetiva “permite a empatia e a comunicação entre o sujeito e o objeto” (Nascimento & Marques, 2009, p.368), construindo-se numa “relação que se fundou e realizou inicialmente na rêverie (...) desenvolvendo-se as relações num espaço real e circunscrito (...) que permite, porém, uma evolução num espaço virtual mercê das infinitas possibilidades de significado” (Tröger & Pinheiro, 2009, p.322). deste modo, tem-se que o sujeito, ao empenhar-se, espontânea e ativamente na estruturação de um material não estruturado e com uma configuração ambígua (i.e. com impressões perceptivas vagas, sem um significado semântico preciso), revela, mediante a ativação, pelo estímulo, do processo associativo, “os princípios da sua própria estruturação psicológica” (Pichot, 1964, cit. por Moita, 1983, p.7) viabilizando a utilização de técnicas projetivas o acesso ao seu mundo simbólico.

O material-teste constitui-se na tríade sujeito-clínico-teste, presente na situação projetiva, como a variável mais objetivável, atuando como um objeto externo, uma referência independente de realidade, uma percepção com características e qualidades psíquicas, um terceiro elemento entre o clínico e o sujeito, “antes de se tornar lugar de encontro, de projeção e de significação” (Chabert, 2003, p.51). Por sua vez, o discurso do sujeito, porque analisado pelo clínico segundo um referencial de sentido induzido pelos cartões (i.e. conteúdo latente), refere-se, porquanto, “não só a um objeto real, mas a um objeto simbólico ou fantasmaticamente significante” (*ibid*,p.51). Tem-se então que a situação de teste se constitui como uma “fronteira do interno e do externo [onde se movimenta] dialeticamente o sujeito, entre real e imaginário, reencontrando novos espaços de ligação ou deparando-se com fronteiras intransponíveis” (Martins, 2005, p.395). Neste contexto, Marques (2005) considera que o movimento de dar sentido, simbolizar, se realiza em termos de um investimento, exploração e experimentação do fora (i.e. dos objetos externos) em função do dentro (i.e. dos objetos internos e vice versa).

De acordo com Chabert (2003), existem “duas dimensões que auxiliam na compreensão das características manifestas dos cartões e suas incidências (...) dimensão estrutural e dimensão sensorial, onde a primeira delas retrata a construção formal da

mancha; ao passo que a segunda está mais ligada à cor” (Araújo, Wiese & Gonçalves, s/d, p.3).

Sob o ponto de vista da dimensão estrutural do estímulo, considera-se a existência de cartões unitários, inteiros e maciços (I, IV, V, VI e X) e de cartões bilaterais (II, III, VII e VIII), sendo que estes últimos, pela sua configuração, tendem a induzir representações do relacional, enquanto que os primeiros, pela presença de um eixo médio manifesto, podem “refletir a imagem do corpo humano organizado simetricamente (...) de um lado e de outro de um plano mediador” (Chabert, 2003, pp.55, 74). Além de pela simetria, o apelo ao corpo é também viabilizado pela “gama de contrastes entre o cheio e o vazio, entre o vazado e o compacto” (D’Allonnes et al, 2004, p.139). Outro critério formal emerge do caráter fechado/compacto ou aberto dos cartões, diferenciando-se os cartões I, IV, V e VI (fechados) dos cartões I, II, III, VII, VIII, IX e X (abertos) (Chabert, 2003). Nos primeiros evidenciam-se “alguns apêndices salientes tradutores de referencias fálicas (IV e VI)” (Fernandes, 1994b, p.464); nos segundos, as manchas associam-se simbolicamente, à representação do feminino, do materno (I, II, VII e IX) (*ibid.*). Na sua dimensão simbólica, este critério induz “a impressão de um corpo total, delimitado e separado” (Tröger & Pinheiro, 2009, p.323).

Sob o ponto de vista da dimensão sensorial do estímulo (i.e. da presença de cores), preconiza-se a distinção entre “os cartões cinzento-escuros [ou com contraste negro-branco] (I, IV, V e VI), os cinzentos (VII), os negros-branco-vermelhos [ou vermelhos] (II e III) e os pastel (VIII, IX e X)” (*ibid.*, p.55). De salientar, a respeito dos cartões vermelhos, que enquanto no cartão II o vermelho aflui para o negro, no cartão III o vermelho está separado do negro (Rorschach, 1951). Os primeiros originam “manifestações da ordem da inquietação, ansiedade ou angústia mais ou menos intensas” (Chabert, 2003, p.55), induzindo também associações depressivas ou reativando, a partir do branco, sentimentos de vazio (Fernandes, 1994b); o cartão VII apresenta, singularmente, uma característica dupla – bipolaridade e construção aberta – apelando também, pela sua tonalidade cromática, a uma “interpenetração interessante do dentro e do fora” (Chabert, 2003, p.56); os terceiros promovem pela presença do vermelho, a reativação de “movimentos pulsionais, relativos à agressividade ou à sexualidade” (Fernandes, 1994 b,p.464); os últimos, pelas “tintas pálidas e filtradas” (Chabert, 2003, p.56) e pela “sobre-estimulação de múltiplas formas e cores” (Viegas & Marques, 2009, p.301) agem como “indutores de afetos” (Chabert, 2003, p.56) e “desencadeadores de respostas que mostram a qualidade das relações estabelecidas com o meio” (Fernandes,

1994b, p.464), facilitando também a expressão-revelação dos processos do agir (Viegas & Marques, 2009, p.300).

Segundo Chabert, estas duas dimensões constituem a base do método de análise das respostas Rorschach, na medida em que

apreensão da organização formal é considerada como dependente de uma abordagem percetocognitiva, que subjaz aos processos de pensamento e que a sensibilidade às cores é empiricamente associada às sensações, aos afetos, e por fim, ao que se experimenta - diferente do que se conhece (Araújo, Wiese & Gonçalves, s/d, p.3).

Os trabalhos elaborados pela Escola Francesa de Técnicas Projetivas enfatizam a ideia de que “a narrativa Rorschach se constrói a partir de uma dupla mobilização, percetiva e projetiva, proporcionada quer pela instrução, quer pelas solicitações manifestas e latentes do material [permitindo por esta razão] observar as capacidades e/ou dificuldades de *encontro, reconhecimento, diferenciação e comunicação criativa face ao objeto*” (Rosado & Marques, 2009, p.377).

Aplicando à produção infantil o método Rorschach tem em conta “as particularidades das expressões e das problemáticas específicas inerentes ao desenvolvimento infantil” e que nos vão dar conta dos “processos e modos de funcionamento que se estabelecem e tomam significado” (Boizeu, 1999). O jogo na resposta Rorschach vai criar condições há existência de um “quadro percetivo onde se moldam respostas, condençam vivências com referência à problemática e fantasmática ou real e imaginário” (Boizeu, 1999). A possibilidade de interpretação de um Rorschach surge com o protocolo, sobre o qual incide a tarefa do clínico, e que lhe vai possibilitar captar com maior proximidade possível a “expressão infantil, caracterizada por uma enorme diversidade e mobilidade, com uma maior ou menor coloração da fabulação e do imaginário” (Boizeu, 1999). É a especificidade e o valor projetivo da resposta Rorschach que permite através de uma medida experimental ilustrar “as dimensões genéticas e psicológicas do funcionamento infantil” (Boizeu, 1999).

Segundo Boizeu cada protocolo Rorschach é analisado e interpretado tendo sempre em conta o contexto maturativo, assim:

O esquema interpretativo utilizado assenta (...) na procura da problemática específica; no levantamento dos mecanismos de defesa que predominam e do seu valor de desimpedimento ou não; e (...) sempre como pano de fundo (...) a análise e a interpretação, as referências ao esquema corporal e à representação de si (Marques; Boizeu., 1999).

Os eixos organizadores para a interpretação dos protocolos assentam “na *problemática* (expressões de identidade, da oralidade, da analidade, do fálico e da genitalidade); *angústias e mecanismos de defesa* (recurso à realidade ao afeto e à fantasia, e *representação de si e imagens parentais*” (Boizeu, 1999).

2.3. Procedimentos

De entre as grandes perspectivas à luz das quais o processo-resposta Rorschach pode ser analisado e interpretado, foi escolhido o sistema de análise interpretativa francês, filiado nos fundamentos teóricos preconizados pelo modo psicanalítico (Nascimento, Pedrosa & Sousa, 2009), “adotado pela sua coerência e pertinência” (Chabert, 2003, p.23). Considerando-se porquanto, na análise do conteúdo latente do material, os parâmetros clássicos da Escola Francesa relacionados com a representação de si e com a representação do outro, na dupla vertente da identidade e da identificação (Marques, 2001). Estes dois eixos “dão conta da dinâmica do desenvolvimento libidinal, com referência à construção da identidade, aos processos identificatórios e à elaboração da representação das relações” (Marques, 2001, p.180), sendo estes elementos usados numa lógica de diagnóstico diferencial.

Centrada nos dois problemas de investigação supracitados, constituir-se-á uma grelha de leitura do protocolo, atendendo-se aos elementos de cotação das respostas – modos de apreensão, determinantes e conteúdos - aos elementos do psicograma quantitativo (viz. normatividade dos resultados) e a dimensões mais subjetivas como a atitude do sujeito face à prova (viz. verbalizações, comentários, críticas) e os comportamentos não-verbais (viz. recusa, choque). Na leitura da expressão do desenvolvimento da identidade de género, serão utilizadas estas referências habituais de análise dos protocolos Rorschach e o seu alargamento teórico, sob a influência dos modelos teóricos que procuram explicar o objeto do presente estudo. Procurar-se-á, assim, deste modo, refletir em procedimentos de análise interpretativa da narrativa Rorschach os principais organizadores e processos psíquicos inerentes ao fenómeno da identidade de género, intentando-se na medida em que este também é um trabalho sobre o próprio método, ampliar as possibilidades interpretativas da prova projetiva Rorschach, pelo prolongamento dos parâmetros habitualmente considerados. Este alargamento dos procedimentos da análise alicerça-se em estudos anteriores que

utilizaram a metodologia projetiva do Rorschach, consolidada na corrente da Escola Francesa, como instrumento e/ou como objeto de estudo.

Assim, surgem as primeiras categorias desta grelha de análise, que se baseia no modelo da representação de si, elaborado por Rausch de Traubenberg (1983b) e que dá conta de objetos inteiros. Esta categoria apresenta uma ligação direta ao modo como a mancha é percecionada, no seu todo.

A relação entre o sujeito e objeto remete para a relação entre o mundo interno e o mundo externo, entre o dentro e o fora. A delimitação entre dentro e fora aparece na capacidade de representar um objeto num envelope percetivo, desempenha um papel de membrana, uma forma de barreira que distingue o sujeito e o seu mundo envolvente.

No Rorschach, o sujeito, ao interpretar a mancha, deve proceder à separação dentro/fora, sujeito/objeto. É esperado que o sujeito realize uma separação Eu/não Eu, reveladora da sua relação com o mundo. Esta relação tem por base o sentimento de existir, o se, suscitando no sujeito a capacidade de criar, possível a partir da capacidade de preservar um interior, ou seja, ser um continente, mas ao mesmo tempo, pela ação dos mecanismos de projeção, de introjeção e da identificação projetiva, poder estabelecer conteúdos, numa relação de comunicação com o mundo (Marques, 1999).

Nesta grelha de análise é importante mencionar o carácter interno/externo do objeto, na relação que se estabelece com o sujeito. Assim na categoria objetos internos consideram-se os conteúdos relativos ao interior/dentro do sujeito, traduzidos pelas respostas de anatomia e sangue. Na categoria de objetos externos o objeto é descrito tal como aparece na realidade, para ser percecionado. Também aqui se pode pensar os conteúdos ligados ao objeto que apresentam um cariz mais narcisíco.

O masculino e o feminino surgem como dois organizadores importantes. Cada um deles impõe a necessidade de o sujeito se constituir como ser íntegro e separado, para depois poder existir na relação interativa com o outro.

Analisa-se também as primeiras relações de objeto, nomeadamente com a imago materno e paterno cujas respostas apresentam uma ligação a temáticas mais primitivas e regressivas (Rausch de Traubenberg, 1983b).

Os elementos usados na análise estão sintetizados na tabela apresentada a seguir:

	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	
<i>Èdipo</i>	<i>Representação de Si</i> <i>Representação da Relação</i>	<i>Processos de Transformação e de Simbolização</i>
	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Construção de uma imagem de Si <ul style="list-style-type: none"> • Identidade • Identificação 	A resposta dada deverá revelar a existencia de um Eu bem definido e delimitado do outro, que deverá emergir sob a forma de uma resposta.
	<i>Categorias de Análise</i>	
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Objetos externos inteiros – integros ➤ Objetos internos – Conteudos de anatomia e sangue ➤ Masculino – referencia à figura humana ou animal, podendo ser irreal ➤ Feminino – referencia à figura humana ou animal, podendo ser irreal ➤ Imago materna – objeto com valor maternal ➤ Imago paterna – representação fálica ou pulsional 		

Tabela 3. Procedimento de análise do protocolo

III- RESULTADOS

3.1. Apresentação e Análise de Dados: Análise do Protocolo

A presente análise baseia-se nos procedimentos previamente estabelecidos que permitem utilizar a prova Rorschach no estudo do fenómeno da identidade de género. A análise quantitativa dos dados obtidos tem por base os valores normativos utilizados pela escola francesa (anexo A).

Foi realizado um levantamento dos itens de análise que se destacam no protocolo do Manuel (anexo B), na dupla vertente qualitativa e quantitativa (anexo C). Neste sentido procede-se ao estudo do protocolo de Rorschach tendo em conta os seguintes procedimentos de análise: representação de si e representação das relações, e os procesos de transformação e de simbolização.

3.1.1. Análise Quantitativa: Leitura dos Traços Salientes

Numa primeira abordagem destaca-se o número de respostas ($R=15$) abaixo dos valores normativos esperados para a sua idade, o que sugere uma atitude defensiva face à angustia sentida. Relativamente aos modos de apreensão o $G\%$ elevado ($33,3\%$) remete para o apego à apreensão da mancha como um todo e não pelas suas diferentes partes na tentativa de não se desfragmentar ($D\%$ abaixo dos valores normativos – $33,3\%$). As respostas que integram os espaços em branco dão-nos conta da sua fragilidade interna. Da análise dos determinantes formais concluímos que o valor de $F\%$ ($66,6\%$) que se encontra abaixo dos valores normativos é revelador, por um lado de algum desinteresse face ao estímulo e por outro dá-nos conta das fronteiras mal constituídas e pouco integradas. O $F+\%$ (60%) também se apresenta abaixo dos valores normativos mostrando alguma desadaptação face à realidade externa. Também as banalidades se encontram abaixo dos valores normativos ($Ban - 13,3\%$) mostrando a falta de contato com a realidade objetiva. No que respeita à análise dos conteúdos destacamos o $A\%$ (40%) abaixo dos valores normativos o que revela alguma dificuldade nas interações com o outro. Observa-se a necessidade de se auto-representar através do $H\%$ ($13,3\%$) que se apresenta acima dos valores normativos.

A análise do Tipo de Ressonância Íntima (TRI) resultante da comparação das grandes cinestésias com as cores revela um TRI introversivo, o que nos dá conta do

investimento sobre o mundo interno, o que vai de encontro à comparação das pequenas cinestésias com os esbatimentos, dada pela fórmula complementar.

3.1.2. Análise Qualitativa

Cartão I

Neste cartão, que remete para a representação de si, introduz o desconhecido e reativa a relação com a mãe pré-genital, nos seus aspetos positivos e /ou negativos, nas imagens de segurança ou de ameaça (Rausch,1970/90). Face ao estímulo apresentado, a criança manifesta uma entrada ansiogénica e refere num primeiro momento um papa-formigas de quatro olhos, o que remete, por um lado para a oralidade, ao referir “por onde come”, por outro para um carácter mais persecutório quando faz referência aos quatro olhos, sendo de salientar a resposta dada no branco o que reenvia para fragilidades internas. Sendo este um cartão que remete para a identidade do sujeito, o papa-formigas representa por um lado um animal forte (porque até come outros animais – formigas), mas simultaneamente apresenta fragilidades em relação à sua imagem.

Cartão II

Este cartão bilateral, e bissexuado nas suas formas, pode desencadear respostas específicas. O estímulo dá lugar a fantasmas que reenviam para uma problemática pré-genital de nascimento, de relações precoces com a mãe simbiótica e / ou destrutivas. (Rausch, 1970/90). Remetendo para a representação das relações, existe apenas um animal, não havendo esboço de relação com o outro. Animal este que é frágil e que está associado à bailarina, pela condensação dos sapatos de ballet com a borbuleta como se fossem a mesma coisa, sendo que em comum têm a fragilidade, contudo há uma clara clivagem entre o forte / fraco. Não há um esboço do relacional, mas sim uma abordagem mítica e condensada. Contudo ambas as imagens referidas se mostram com um carácter altamente feminino. A problemática da castração é aqui frequente (Rausch,1970/90)..Continua presente a angústia.

Cartão III

Neste cartão que remete para a identificação sexual e para a representação das relações, num caráter agressivo ou libidinal, a resposta dada – “mosca morta” animal sem vida, mas que pode voar e que é “forte”, sendo que ainda assim é um animal que contamina e que se alimenta de alimentos em putrefação, dá conta de uma invasão da angústia face ao estímulo que tal como Rauch a referencia á desvitalização da mosca dá-nos indicação de relações problemáticas. Contudo há uma tentativa de se organizar através banalidade “laço” sendo que a angústia volta novamente a emergir através de um sangue que escorre do dentro que está fora dando conta de um mundo inquietante e ameaçador, a insistência no vermelho mediano pode constituir, por outro lado, uma referência ao interior do corpo (Rausch, 1970/90) no qual as características agressivas não são elaboradas – mantém-se encobertas (shift regrediente). Mais uma vez não há indícios de haver uma dinâmica relacional.

Cartão IV

Com uma tonalidade emocional quase sempre disfórica, este cartão remete para a imagem de potência, de força, de dominação, mesmo autoridade, sendo considerado o papel superegótico associado á imago paterna (Rausch,1970/90). A resposta dragão – animal masculino, agressivo, que simboliza o guardião dos tesouros, remete assim para uma imagem de força e vigor , mas que é imediatamente anulada , ficando á quem, visto ser um bebé. A dicotomia entre ativo e passivo está presente.

Cartão V

Este cartão que remete para a construção da imagem de si – imagem do corpo. Identidade e representação de si no sentido psíquico do termo, da noção do self. Cartão com uma tonalidade emocional neutra impele a adaptação à realidade objetiva e apela ao sentimento de integridade, que pode corresponder à integridade psíquica ou somática (Rausch, 1970/90). A identidade e representação de si, no qual é solicitado que esta representação seja coesa, apresenta uma contaminação e perseveração com o cartão II, cartão este com referências femininas e que não conseguiu elaborar. A borboleta é um animal frágil mas com asas gigantes, sendo que pela sua dimensão o impossibilitam de levantar voo, o que nos faz pensar na representação de si pelo investimento na imagem, como frágil – simbolismo narcísico.

Cartão VI

Cartão bissexuado e carregado de implicações sexuais, a reação emocional é com maior frequência negativa (Rausch,1970/90). Remete para a bissexualidade psíquica e simbolismo fálico e onde se encontra presente a dinâmica ativo/passivo. É dada uma resposta no polo ativo “dragão ” forte e viril com características sexuais “bigodes”, contudo castrado porque não tem asas. Há uma fixação na parte masculina. Observa-se preservação, quer com o dragão (cartão IV) quer na referência às asas que tal como no cartão anterior não lhe servem para voar, daí serem-lhe retiradas.

Cartão VII

Cartão com uma implicação simbólica claramente feminina e/ou materna, impele o sujeito a situar-se em relação à imagem feminina ou materna em função da sua própria relação primitiva com a sua mãe (Rausch, 1970/90). É pela primeira vez esboçado uma representação das relações, relação esta libidinal, mas inocente, infantil. Esta referência regressiva aos bebés faz-nos pensar na necessidade de ser apoiado e contido do ponto de vista narcísico.

Cartão VIII

Neste cartão que remete para a representação direta das relações e dos afetos, em que a presença da côr é considerada como uma solicitação à comunicação e como fazendo parte do exterior e da afetividade (Rausch,1970/90) . Há a tentativa de um esboço da relação, mas esta proximidade parece ser adesiva, fusional e tóxica “parece que se colam e derretem” uma reação disfórica de corpo deformado (Rausch, 1970/90). Tal como o lagarto que na sua sobrevivência aquece de fora para dentro, também há a necessidade de ser aquecido pela relação com o outro. A referência à “nave” parece representar uma possibilidade de poder voar para outro planeta, através deste objeto que é duro, protetor e contentor, que o protege da sua desorganização psíquica.

Cartão IX

Há neste cartao uma solicitação à regressão que é dominante, podendo as posições regressivas serem vividas positiva ou negativamente, mas reenviando sempre para um simbolismo materno pré-genital associado ou não aos fantasmas de gravidez ou de nascimento (Rausch,1970/90). A tonalidade emocional dá-nos uma relação dual masculina com um lado agressivo “cuspir” que remete por um lado para o desejo de ter uma relação adulta e diferenciada , mas por outro o desejo de regressar ao útero materno a um lugar contentor.

Cartão X

Este cartão remete para a fragmentação, pondo em causa não só a capacidade de organização da dispersão, i.e. capacidade de organização do mundo interno e externo, mas também da reacção à perda e separação. A reacção emocional está ligada ao fato de por um lado se tratar do último cartão podendo ser sentido como um alívio ou uma ferida, por outro a dispersão do cartão facilita ou bloqueia as associações (Rausch, 1970/90). A resposta dada “vagina” remete para um lugar contentor e protetor que lhe permita a sua existência, sendo este o por si escolhido na prova das escolhas como o que mais gostou.

3.1.3. Análise de Categorias: Síntese e Integração

Objetos Externos Inteiros - Integros

C.II- “sapatos de ballet”

C.III-“laço”

Dentro desta categoria são referidas duas respostas, no cartão II “sapatos de ballet” e no cartão III “laço” ambas remetem para a percepção de um objeto externo inteiro, podendo este apresentar características que podemos associar a uma lógica de cariz narcísico, na medida em que se referem ao investimento na imagem de si, contrariando o movimento que seria desejável nos cartões II e III onde deveria ser explicitada a representação da relação.

Objetos Internos – Anatomia e Sangue

C.III- “sangue”

C.IX- “vagina”

Dentro desta categoria são referidas duas respostas que remetem para a percepção de objetos internos viz. sangue e anatomia, o cartão III “ sangue” remete-nos para uma lógica interna, dado que o sangue é o que nos corre nas veias, dentro do nosso corpo, aparecendo este conteúdo num cartão onde a resposta é esperada na relação, o que nos remete para uma lógica pulsional muito intensa. O cartão IX “vagina”, com um forte cariz sexual relacionado com a imago materna pre-genital remete-nos para uma posição mais regressiva, primária e até primitiva. As respostas desta categoria reportam ao interior, o que nos dá conta de uma grande ausência de pel psíquica, ou seja, de uma falha ao nível da diferenciação entre o mundo interno e o externo

Masculino – Referência à figura Humana ou Animal Podendo Ser Irreal

C.I-“papa-formigas”

C.IV e C.VI-“dragão”

C.VII- “cachorrinho”

C.VIII-“lagartos”

C.IX-“dois meninos” “cavalo marinho”

Dentro desta categoria todas as respostas são dadas com referência ao masculino e através de figuras inteiras. Movimento intenso entre o forte, através do cartão IV e VI “dragão” e o fraco cartão VII“cachorrinhos” que pelo curto periodo de vida nos remete para a fragilidade e para um universo mais infantil. O cartão IX “cavalo marinho” remete para uma dimensão com características mais regressivas, numa lógica que se liga a um simbolismo mais materno dado o cartão em que aparece. No cartão I “papa formigas” pode dar-nos a indicação por um lado de um falo através do focinho, mas por outro, um lado assustador, o que segundo o movimento do cartão, nos reenvia para a representação de si num primeiro contacto com o desconhecido da prova. No cartão VIII “lagarto” animal rastejante simboliza a “alma que procura a luz” pela sua morfologia rastejante, comparativamente com os outros animais o que nos apela e reenvia para uma lógica menos evoluída em termos de representação dos afectos

Feminino – Referência à figura Humana ou Animal Podendo Ser Irreal

C.I e C.V- “borbuleta”

C.III-“mosca”

C.VII-“menina”

Todas as respostas dadas se inserem nesta categoria e que remetem para uma fragilidade ligada á identidade, presente no cartão I e no cartão V “borbuleta”, que também nos pode dar a indicação de um animal que sofre um processo de metamorfose, e no qual contrasta toda uma beleza e delicadeza com uma certa fragilidade. No cartão III “mosca” denota um cariz mais fóbico. Já a resposta “menina” no cartão VII evidencia uma boa representação, ainda que num diminutivo acentuando o cariz infantil

Imago Materna – Objeto com Valor Maternal

C.VIII- “colam”

C.IX-“mar”

Dentro desta categoria são referidas duas respostas, no cartão VIII “colam” e que remete para as primeiras relações de objeto onde se observa uma relação fusional, e no cartão IX “mar” remete para a evocação da imagem de um grande continente, um lugar mais regressivo que em termos simbólicos podemos associar ao regresso à vida intra uterina. Ambas as respostas remetem para a perceção de um objeto com valor maternal ainda que com nuances diferentes, refletem posições contrastadas, por um lado, a ligação a um ponto de fusão, por outro lado, a dispersão no mar, na sua vastidão onde os perigos podem emergir.

Imago Paterna – Representação Fálica ou Pulsional

C.IV e C.VI-“dragão”

Dentro desta categoria importa inscrever de novo o “dragão” por ser o único elemento referido que pode apresentar uma conotação de poder, por ser ao mesmo tempo, um animal protector, o por vezes designado “guardião dos tesouros” e um animal agressivo que cospe fogo.

IV- DISCUÇÃO E CONCLUSÃO

Este trabalho dá-nos informação que não pode ser generalizada, diz apenas respeito a este estudo e abre caminho para novas formas de pensar os processos identificatórios e a representação édipiana em Psicologia Clínica, possibilitando o alargamento dos campos da compreensão e da ação desta, nomeadamente no que diz respeito á natureza dos processos de construção do conhecimento. Este estudo teve como objetivo aceder á natureza da dinâmica interna do indivíduo, de modo a compreender os mecanismos psíquicos, afetivos e relacionais que estão subjacentes ao desenvolvimento da identidade de género. Apartir do momento em que se concebe o processo de construção da identidade pelo processo de identificação que é *“O processo psicológico pelo qual o individuo assimila um aspeto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente , segundo o modelo dessa pessoa”* (Laplanche Pontalis, 1990, p.295) e que vai permitir ao o sujeito organizar-se no Complexo de Édipo. Deste modo procuramos aproximar a compreensão dos processos identificatórios através do complexo de Édipo, dos modelos teóricos mais utilizados dentro da teoria psicanalitica. Utilizamos o rorschach como método de acesso ao sujeito já que nos permite aceder aos processos internos e externos, procurando revelar a natureza dos mesmos.

Depois de realizada a análise ao protocolo do Manuel foram retirados os elementos mais significativos, refletindo-se sobre os itens de análise encontrados, em articulação com o corpo teórico apresentado e os objetivos de estudo propostos.

O que se observa neste caso é que há uma identificação projetiva ao longo do protocolo, sobretudo nos primeiros cartões, o que nos dá conta de uma perda de consciência interpretativa. Ao nível das relações o Manuel dá-nos conta de dificuldades, há angustias fusionais aliadas ás dificuldades do manejo pulsional que o fazem desorganizar e lhe impedem o acesso á constituição de processos identificatórios. O principio da realidade não está estabilizado, algumas falhas de realidade. Representação de si frágil e desvalorizada, balanceando entre o forte/ fraco grande/ pequeno numa tentativa de anular as angustias. Angustia muito viva e muito pouco contida

Em termos conclusivos consideramos terem-se prestado três contributos essenciais: uma conceção da construção de identidade como intrinsecamente articulada com uma representação de si e a representação na relação. De fato o presente trabalho permitiu-nos uma análise mais fecunda aos fenómenos identitários, com particular

ênfase no Complexo de Édipo, ao reunir diferentes perspectivas ancoradas no corpo teórico psicanalítico e avaliar a sua pertinência através da análise da sua expressão na prova projetiva de Rorschach.

Considero ainda como proposta para estudos futuros a importância de na análise de outros processos-resposta rorschach, se atenderem a aspectos não contemplados no presente estudo como são o caso de participantes de sexo diferente, de uma avaliação evolutiva durante o decorrer do Complexo de Édipo, e ainda com figuras de referência do mesmo sexo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, J. A. (2007). Masculino e feminino: Alguns aspectos da perspectiva psicanalítica. *Análise Psicológica*, 3, série XXV, 331-342
- Almeida, J. & Carvalheira, A. (2007). Flutuações e diferenças de género no desenvolvimento da orientação sexual: perspetivas teóricas. *Análise Psicológica*, 3, série XXV, 243-350
- Amâncio, Lígia (1993). Género: Representações e Identidades. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 14, 127-140
- Anzieu, D. (1988). O pensar:do Eu-pele. São Paulo: Casa do Psicólogo(Tradução do original em lingua francesa Le Penser:du Moi-Peau au Moi-Pensant. Paris:Dunod,1994).
- Araújo, L.S., Wiese, I.R.& Gonçalves, C.M.(s/d). *Experiencia Teórico-Prática do Psicodiagnóstico de Rorschach*. Consultado a 7 de Junho de 2012 através de http://www.pdfdownload.org/pdf2html/pdf2html.php?url=http%3A%2F%2Fwww.cchla.ufpb.br%2Fconhecimentoemdebate%2Farquivos%2F72113102008101406-Rorschach_conhecimento_em_debate_OK.pdf&images=yes?cat=7
- Ashmore, R. D. (1990): Sex, Gender and the Individual. In L.A. Pervin (Ed): *Handbook of Personality. Theory and Research*,.486-526. New York: Guilford Press.
- Bailey, J. M., & Zucker, K. J. (1995). Childhood sex-typed behavior and sexual orientation: A conceptual analysis and quantitative review. *Developmental Psychology*, V31(1), 43-55. doi: [10.1037/0012-1649.31.1.43](https://doi.org/10.1037/0012-1649.31.1.43)
- Barretta, J. P. F. (2012). O Complexo de Édipo em Winnicott e Lacan. *Psicol. USP*, v.23 (1), 157-170
- Bear, M. F.; Connors, B. W.; Paradiso, M.A. (2001). *Neurociencia. Exploring the Brain*. USA: Lippincott, Williams & Wilkins

- Beauvoir, Simon (1949). *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira
- Beizmann, C. (1961/1974). *Le Rorschach de l'enfant à l'adulte - étude génétique et clinique*. Neuchâtel : Delachaux et Niestlé
- Beizmann, C. (1966). *Livret de Citations des Formes Dans le Rorschach*. Paris : Éditions du Centre de Psychologie Appliquée
- Beizmann, C. (1982). *Le Rorschach de l'enfant à l'adulte*. Neuchâtel : Delachaux et Niestlé
- Bergeret, J. (1998/2004). *Psicologia Patológica, Teórica e Clínica*. Lisboa: Climepsi
- Bleichmar, N. & Bleichmar C. (1989/1992). *A Psicanálise Depois de Freud – Teoria e clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Boizou, M. & Traubenberg, N.R. (1999) *O Rorschach na Clínica Infantil – O Imaginário e o Real na Criança*. Lisboa : Climepsi (tradução do original em língua francesa *Le Rorschach en clinique infantile – L'imaginaire et le réel chez l'enfant*. Paris : Dunod, 1984)
- Breadlove, S.M. (2002). *Behaviour endocrinology*. London. Ed. Jill B. Becker.
- Bussey, K. & Bandura, A. (1999). Social cognitive theory of gender development and differentiation. *Psychological Review*, V106(4), 676-713.
- Cabral, A. & Nick, E. (2006). *Dicionário Técnico de Psicologia* (14ª ed.). São Paulo: Cultrix
- Chabert, C. (2003). *O Rorschach na Clínica do Adulto – Interpretação Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi (tradução do original em língua francesa *Le Rorschach em clinique adulte – Interprétation Psychanalytique*. Paris: Dunod, 1997).

- Chodorow, N. (1978). *The reproduction of mothering. Psychoanalysis and the sociology of gender*. Berkeley: University of California Press.
- Coelho, A.M., Coelho, R., Martins, A., Milheiro, C., Barros, H., Rocha-Gonçalves & Reis-Lima, M.A. (1998). Administração da Prova de Rorschach a uma amostra de doentes Hipertensos. *Análise Psicológica*, 4 (XVI), 667-674
- Coimbra de Matos, A. (1996/2006). *Psicanálise e psicoterapia psicanalítica*. Lisboa: Climepsi.
- D'Allonnes, C.R., Assouly-Piquet, C., Slama, F.B., Blanchet, A., Douville, O., Giami, guyen, K-C., Plaza, M. & Samalin-amboise, C. (2004). *Os Procedimentos línicos nas Ciências Humanas: Documentos, Métodos, Problemas*. São Paulo: asa do Psicólogo (Tradução do original em língua francesa La démarche clinique m sciences humaines. Paris: Dunod, 1989)
- Darwin, C. (1871, 1896). *The decent of man and selection in relation to sex*. New York D. Appleton and Company.
- Debroux, P., De Noose, L. & Malempré, M. (2009). *Manual du test de Rorschach : pproche formelle et psychodynamique*. Bruxelas : De Boeck.
- Diamond, M. (1965). A critical evaluation of the ontology of human sexual behaviour. *The Quarterly Review of Biology*, V40 (2), 148-175.
- Diamond, M. & Sigmundson, H.K. (1997). Sex Reassignment at Birth: A long Term Review and Clinical Implications. *Archives of Pediatric & Adolescent Medicine*, 151 (3), 298-304
- Dor, J. (1989). *Introdução à Leitura de Lacan - O Inconsciente Estruturado como Linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Elia, L. (1995). *Corpo e sexualidade em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Uape

- Fernandes, I.B. (1994b). Rorschach e Psicopatologia. *Análise Psicológica*, 4 (XII), 463-468.
- Ferrari, A B., & Stella, A. (2000). *A aurora do pensamento*. São Paulo: Editora 34
- Formiga, N.S.& Mello, I. (2000). Testes Psicológicos e técnicas Projetivas: Uma integração para um Desenvolvimento da Interação Interpretativa Individuo-sicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 20 (2), 12-19.
- Freeman, S. (1993). Speaking of gender identity: theoretical approaches. *Information Analysis*, 70, 1-22.
- Freud, S. (1969/1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Sigmund Freud Obras Completas*, V.VII. Rio de Janeiro: Imago
- Freud, S. (1972/1931). Sexualidade feminina. In *Sigmund Freud Obras Completas*, V.XXI. Rio de Janeiro: Imago
- Freud, S. (1976a/1923). *A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade*. In *Sigmund Freud Obras Completas*, V.XIX. Rio de Janeiro: Imago
- Freud, S. (1976b/1924). A dissolução do complexo de Édipo. In *Sigmund Freud Obras Completas*, V.XIX. Rio de Janeiro: Imago
- Freud, S. (1976c/1925). Algumas consequências psíquicas das distinções anatômicas entre os sexos. In *Sigmund Freud Obras Completas*, V.XIX. Rio de Janeiro: Imago
- Freud, S. (1976d/1915). Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença. In *Sigmund Freud Obras Completas*, V.XIV. Rio de Janeiro: Imago
- Freud, S. (1996/1908). Sobre as teorias sexuais das crianças. In *Sigmund Freud Obras Completas*, V.IX. Rio de Janeiro: Imago

- Garcia, J. C. (2001/2002). *Problemáticas da identidade sexual*. São Paulo: Casa do Psicólogo
- Goldgrub, F.(2008). Édipo e gênero. *Psicologia em Revista* V18 (.1), 38-66. ISSN1413-4063
- Gooren, L. (2006). The biology of human psychosexual differentiation. *Hormones and Behavior* 50, 589-601.
- Granã, B. Roberto (2009). *Transtornos da Identidade de Gênero na Infância – Escritos Seleccionados*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Greenson, R. (1968). Disidentifying from mother: its special importance for the boy. London. *International Journal of psychoanalysis*, 49, 370-374
- Heimann, P. (1969). Uma contribuição para a reavaliação do complexo de Édipo – os estágios primitivos. In Klein, M., Heimann, P. & Money-Kyrle, R.E. (Edts). Rio de Janeiro: Zahar
- Hinshelwood, R.D. (1991/1992). *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Imanishi; H. A. (2008). A metáfora na teoria lacaniana: o estádio do espelho. *BOLETIM DE PSICOLOGIA*. 2008, v.58, .129, pp. 133-145.
- Kimmel, M. S. (2000), *The gendered society*. New York, Oxford University Press
- Klein, M. (1959). The effects of early anxiety-situations on the sexual development of the girl. In *The psycho-analysis of children*, London, Hogarth Press.
- Klein, M. (1981/1928). *Primeiras fases do complexo de Édipo*. In M. Klein, *Contribuições para a psicanálise*, 253-267. São Paulo: Mestre Jou.
- Klein, M. (2006/1991). *Inveja e gratidão*. Rio de Janeiro: Imago

- Kohlberg, L. (1966). A cognitive-developmental analysis of children's sex-role concepts and attitudes. In E. E. Maccoby (Ed.), *The development of sex differences*. Stanford: Stanford University Press
- Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,
- Lacan, J. (2005). O Simbólico, o Imaginário e o Real. In *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Laplanche, J. & Pontalis J. B. (1990). *Vocabulário de psicanálise*. Lisboa: Presença
- Laplanche, J. (1997) *Freud e a Sexualidade: o desvio biologizante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Loparic, Z. (2002). Winnicott's paradigm outlined. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, 61-98.
- Loparic, Z. (2005). Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade. *Nat. hum.*, V7 (2), 311-358.
- Lago, M. C. S.(2010). Feminismo, psicanálise, gênero: viagens e traduções. *Estudos. Feministas*, V18(1), 189-204. ISSN 0104-026X
- Marques, M.E. (1994). A Metodologia Projectiva e a Avaliação Psicológica na(s) Adolescência(s): O(s) Sentido(s) Sentido(s). *Análise Psicológica*, 4 (XII), 473-479.
- Marques, M.E.(2001). *A Psicologia Clínica e o Rorschach* (2ªed.). Lisboa:Climepsi
- Marques, M.E. (2005). Avaliação Psicológica do Adolescente e do Risco. *Análise Psicológica*, 1 (XXIII), 19-26.

- Martin, C. L. & Halverson, C. F. (1981). A schematic processing model of sex typing and stereotyping in children. *Child Development*, 52, 1119-1134.
- Martins, A.M. (2005). Avaliação Psicológica do Adolescente e do Risco. *Análise Psicológica*, 4 (XXIII), 391-400.
- McCarthy, M. M.(2011). Sex and developing brain. New Jersey: *Morgan & Claypool Life Sciences*
- Moita, V. (1983). A angustia como conceito operatório na técnica projetiva de Rorschach. *Análise Psicológica*, 1 (IV), 5-16.
- Money, J. (1986). *Love maps: Clinical concepts of sexual/erotic health and pathology, paraphilia, and gender transposition in childhood, adolescence, and maturity*. New York: Irvington Publishers
- Money, J. (1994). The Concept of gender identity disorder in childhood and adolescence after 39 years. *Journal of Sex & Marital Therapy*, V20 (3), 163-177
- Nascimento, A.P.& Marques, M.E. (2009). Vazio que é vazio, vazio que é procura. (Des)encontros. Procurar o (no) vazio no e pelo Rorschach. *Análise Psicológica*, 3 (XXVII), 365-373.
- Nasio, J. D. (2007). *Édipo: O complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Zahar
- Ovesey L. & Person E.S. (1999). Gender identity and sexual psychopathology in men: a psychodynamic analysis of homosexuality, transsexualism, and transvestism. In Person E.S. *The sexual century*, 91-109. New York: Yale University Press.
- Parisotto L, Guaragna K.B.A, Vasconcelos M.C., Strassburger M, Zunta M.H., Melo W.V. (2003). Diferença de género no desenvolvimento pessoal: integração dos

paradigmas biológicos, psicanalíticos e evolucionistas. *Revista psiquiatria Rio Grande Sul*. 25(S1):75-87.

Pearson, E. L. (1980). Sexuality as the Mainstay of Identity: Psychoanalytic Perspectives. *Women: Sex and Sexuality*, V5 (4), 605-630.

Pires, A.A. (1987). *O teste de Rorschach na Avaliação Psicológica: Fundamentação, Validade e Estudo Normativo na População Portuguesa* (Dissertação apresentada às Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica). Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Powell, K. C. (2004). Developmental psychology of adolescent girls: conflicts and identity issues. *Education*, 125 (19), 131-172.

Rausch de Traubenberg, N. (1983). Activité perceptive et activité fantasmatique au test de Rorschach. Le Rorschach: espace d'interactions. *Psychologie Française*, 28(2), 100-103

Rorschach, H. (1951). *Psychodiagnostics: A Diagnostic Test Based On Perceptions* (5ªed.). Bern: Verlag Hans Huber

Rosado, F.F.& Marques, M.E. (2009). As dimensões antedipianas das organizações limite na narrativa Rorschach. *Análise Psicológica*, 3 (XXVIII), 375-384.

Rotter, J. B. (1990). Internal vs. external control of reinforcement: A case history of avariable. *American Psychologist*, 45 (4), 489-493

Saavedra, L. & Barros, A. M. (1996). Elas preferem as bonecas, eles os carros: desenvolvimento dos estereótipos do género", *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 1, 149 - 159.

Safra, G. (2009) Os registros do masculino e feminino na constituição do *self*. *J. psicanal.* [online]. v.42, (76), 77-89.

- Sakamoto, C.K., Lapastini, M.A.& Silva, S.M. (2003). A criatividade no psicodiagnóstico de Rorschach: uma possibilidade de enriquecimento á interpretação dos resultados. *Psicologia: Teoria e Prática*, 5 (I), 3-25.
- Sampaio, S. R & Garcia A. C. (2010) Dissecando a masculinidade na encruzilhada entre a psicanálise e os estudos de gênero. *Psicologia em Revista*. V16 (1). 81-102. ISSN 1677-1168.
- Scott, J. W.(1999). Gender and the politics of history. New York: Columbia University Press
- Segal, H. (1975). *Introdução à Obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago
- Shively, M. G., & DeCecco. J. P. (1993). Components of Sexual Identity. In L. D. Garnets, & D. C. Kimmel (Eds.), *Psychological perspectives on lesbian and gay male experiences* (pp. 80-88). Chichester, NY:Columbia University Press
- Shively, M. G., & DeCecco, J.P. (1977). Components of sexual identity. *Journal of Homosexuality*, 3(1), 41-48.
- Silva, S.G. (1999). O conflito identitário: sexo e gênero na constituição das identidades. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 10 (1), p. 71-85
- Spence, J. T. (1984). Masculinity, femininity and gender-related traits: A conceptual analysis and critique of current research. *Progress in Experimental Personality Research*, 13, 1-96.
- Stets, J. E., & Burke, P. J. (2000). Identity theory and social identity theory. *Social Psychology Quarterly*, 63, 224-237.
- Stoller, R. (1979). A contribution to the study of gender Identity: follow-up. *International Journal of Psycho- Analysis*, 60, 433-441.

- Stoller, R. (1968/1984). *Sex and gender: the development of masculinity and femininity*. London: Karnac.
- Stoller, R. (1985). Gender Identity Disorders in Children and Adults. In H. Kaplan (Ed.), *Comprehensive Textbook of Psychiatry*, 1034-1041. Baltimore: William & Wilkins.
- Teixeira, V.& Marques, M.E. (2009). O buraco negro na patologia limite: Um contributo da/para a técnica Rorschach. *Análise Psicológica*, 3 (XXVII), 281-293.
- Tröger, N. & Pinheiro, C.B. (2009). O Rorschach e a função materna no sujeito transexual. *Análise psicológica*, 3 (XXVII), 319-330.
- Ventura, D.A. (2010). *Técnica Projetiva de Rorschach – Interpretação de um Psicograma*. Consultado a 7 de Junho de 2012 através de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0188.pdf>.
- Viegas, J.C.,Marques, M.E. (2009). O Rorschach e o agir na patologia borderline: A alucinação negative e a simbolização. *Análise Psicológica*, 3 (XXVII), 295-306.
- Winnicott, D. W.(1988/1965). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W.(2000/1958). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro; Imago

Anexo A

Valores Normativos para Escola Francesa do Rorschach *In* Beizmann, C. (1982).

Le Rorschach de l'enfant à l'adulte. Neuchâtel :

Delachaux et Niestlé

		2:9- 3:11	4-4:5	4:6- 4:11	5-5:5	5:6-5:11	6-6:11	7-7:11	8-8:11	9-10 ans
R		16,6	17	22	20,6	21,5	27,7	29,5	28,3	27,5
Recusas	%	74,2	19,44	20	7,5	12,5	10	10	7,5	10
G	%	42	40	27	29	33,3	25	24,7	19,3	19
G	Moy.	6,32	6,62	5,85	6,35	7,15	6,87	7,32	5,35	5,3
D	%	48	50	51	54	51,2	57,7	52,8	57,8	58,5
D	Moy.	7,27	8,4	11	11,95	11	14,75	15,65	16	16,2
Dd	%	7	5	14	10	8,5	12,8	15,8	12	13,2
Dd	Moy.	1,07	0,81	3,02	2,02	1,82	3,52	4,7	3,32	3,65
Dbl	%	2	3	5	4	3,6	5,2	4,6	5	4,3
Dbl	Moy.	0,27	0,46	1,02	0,82	0,77	1,42	1,37	1,37	1,2
Do	%	1	2	3	3	4,4	3,3	2	5,9	4,8
Do	Moy.	0,1	0,38	0,62	0,57	0,72	0,9	0,6	1,62	1,42
F+%	Moy.	46	56	58	60	63	66	68	73	76
F%	Moy.	78	74	74	71	70	70	72	73	73
K	M.de gr.	0,58	0,75	0,95	1,12	1,22	1,22	1,82	1,52	1,65
K	M.reelle	1,8	1,47	1,81	2,04	1,96	2,04	2,51	1,9	2,12
kan	M.de gr.	0,41	0,7	0,7	0,95	0,7	0,72	0,95	0,7	0,85
kan	M.reelle	1,44	1,3	1,55	1,9	1,47	1,7	1,81	1,55	1,7
kob	M.de gr.	0,05	0,1	0,17	0,17	0,02	0,22	0,27	0,3	0,25
kob	M.reelle	2	2	1,16	1,16	1	1,23	1,57	1,33	1,25
kp	M.de gr.	0	0,07	0,02	0,1	0	0	0,07	0,02	0,02
kp	M.reelle	0	1	1	1	0	0	1	1	1
FC	M.de gr.	0,25	0,38	0,72	0,92	1,44	1,47	1,82	1,87	2,07
FC	M.reelle	1	1,55	1,75	1,76	2,16	1,9	2,35	2,5	2,67
CF	M.de gr.	1,25	1,47	1,61	1,5	1,64	1,87	1,87	1,52	1,32
CF	M.reelle	2,18	1,89	2,52	2,14	2,18	2,2	2,5	2,44	2,03
C	M.de gr.	0,6	0,25	0,43	0,87	0,72	0,85	0,7	0,32	0,77
C	M.reelle	2,12	1,8	1,54	1,66	2,16	1,7	2	1,3	1,72
Cn	M.de gr.	0,39	0,16	0,25	0,12	0,16	0,3	0,1	0,1	0
Cn	M.reelle	2,2	2	1,42	2,5	1,2	2,4	4	2	0
Ban	%	9	11,5	12,2	13,7	14,4	13,7	14,1	15,6	17,5
A	%	48,2	48,4	44,2	46,8	45,7	41,3	46,9	48,4	57,4
H	%	9,33	10,7	10,8	9,4	12,3	10,5	12,3	9,9	12,7

Anexo B

Protocolo de Rorschach

“Manuel”, 8 Anos e 10 meses

T.T. 38'03”

<p style="text-align: center;">I</p> <p><V^> Riso...Ah... 1 - Parece um papa-formigas de 4 olhos...posso dizer isso não posso? É verdade...!! Isto não está baralhado? (cartão 1 e II)</p>	<p>Isto branco são os olhos O nariz do papa-formigas é por onde ele come não é? Então é isto aqui...</p>	<p>Gbl F+ Ad Comentario subjetivo</p>
<p style="text-align: center;">II</p> <p><V^> É assim ou assim? Ai... 2 - Parece uns sapatos de ballet Já sei... 3 – Parece uma borboleta com sapatos de ballet e asas muito grandes pretas. É o que eu acho...</p>	<p>V D superior vermelho Mas a bailarina está de costas (exemplifica)...(vai batendo com os dedos na mesa) D lateral negro São estas as asas, mas não estão juntas, estão abertas, mas tem que ser separadas...é assim!!</p>	<p>D F+ Obj Dbl F- A</p>
<p style="text-align: center;">III</p> <p>V Heimmm... Isto já estava feito ou foste tu que fizeste? Que nojo...! Eu vou dizer o que vejo...aqui parece...eu não sei dizer... 4 – Parece uma mosca forte, muito gorda, mas parece que está morta 5 – Aqui parece um laço no meio 6 – E aqui o sangue a escorrer Tu já fizeste algum jogo assim? O jogo vai demorar 45' (tempo da sessão)? É que eu</p>	<p>D Negro eixo central, Olhos eixo central inferior, Boca D lateral superior negro, braços D eixo central vermelho D lateral vermelho</p>	<p>Choque Dbl F- A D F+ Obj Ban D CKob Sg Comentário subjetivo</p>

também queria falar.		
<p style="text-align: center;">IV</p> <p>∨ Ok... 7 – Parece um dragão bebé</p>	<p>Olha não consegues ver? Eixo central superior, os olhos, a boca, D lateral superior, Isto aqui são as asas Dd eixo central inferior, o rabo Dd lateral inferior, mas também tem patas, são aqui estas duas coisinhas. Posso por??</p>	G F- (A)
<p style="text-align: center;">V</p> <p>^∨ Ok...(arregala os olhos)...se eu disser repetido...posso dizer? 8 – Parece-me uma borboleta, mas em vez de ter asas de ballet, tem asas gigantescas.</p>	<p>D lateral negro, asas gigantescas D eixo central superior, olhos ...estás a ver? D eixo central inferior ...já tá tudo identificado? posso por? Obrigado. É tão difícil distinguir o que é...</p>	<p>Choque Comentário subjetivo G F+ A Ban</p>
<p style="text-align: center;">VI</p> <p>Não quero ver o que está aí... Ah...é tão difícil agora mesmo de distinguir... 9 – Parece um dragão com bigodes, parece que não tem asas</p>	<p>∨ D eixo central inferior aqui parece uma cara de dragão D eixo central superior aqui é o rabo D lateral aqui os braços abertos...</p> <p>A mim parece-me um dragão esquisito!! Porque um dragão tem sempre que ter asas e eu nunca vi um dragão assim!! (compara com o cartão IV</p>	<p>Choque Recusa Comentário subjetivo G F+ (A)</p>
VII		

<p>Ah...(sorri), já sei...</p> <p>10 – Parecem ... um menino e uma menina mascarados de cão a beijarem-se...são tipo bebés...</p> <p>11 – Parecem cachorrinhos</p>	<p>Vai ordenando as pranchas... O menino (esq) tás a ver?</p> <p>1ºterço:D superior, orelhas do cão, Mexe na régua que está em cima da secretária...já está tudo?</p> <p>2ºterço: Dd, o rabo do cão</p>	<p>Comentário subjetivo D K H</p> <p>D F+ A</p>
<p style="text-align: center;">VIII</p> <p><V^> Ah... que esquisito...!! eu acho que esta não vou conseguir distinguir... Ou melhor...já consegui!! Ah ...posso dizer?</p> <p>12 – Parecem tipo lagartos que estão subir para as árvores. ... Parece que se colam e que se derretem!!</p>	<p>></p> <p>Lateral vermelho, vês aqui são os lagartos, parece que estão a subir para uma árvore... ...não, para uma nave esquisita, que quando os lagartos vão lá... blhac... parece que se derrete... Nave D central superior (R.a. D F+ Obj) E é só !! Posso por??</p>	<p>Choque Recusa</p> <p>Comentário subjetivo</p> <p>G Kan A</p>
<p style="text-align: center;">IX</p> <p>Fogo...!!agora a serio, acho que não vou distinguir... Ah!!! Já sei, já sei, já sei...</p> <p>13 – Parecem 2 meninos mascarados de cavalo-marinho a cuspirem-se um para o outro um cospe e o outro também cospe</p> <p>14 – Parecem que estão no mar</p>	<p>D laranja estes aqui são os meninos D verde lat e aqui são as algas todas pegadas Dd sup laranja estão a deitar sumo de laranja aqui... é isto Pormenor intramaculado central. Estás a ver aqui? É o mar...</p>	<p>Choque Recusa Comentário subjetivo G K H</p> <p>Dbl Fc' Nat</p>
<p style="text-align: center;">X</p> <p>V^> Ai, ai, ai... meu deus!!! (arregala os olhos) só tenho uma coisa a dizer</p> <p>15 – Parece a parte do corpo que é a vagina!!! É só isso que tenho a dizer... mais nada!!</p>	<p>Há coisas que eu não sei dizer, mas só sei dizer que esta parte (circunda com o dedo) é a vagina!!</p>	<p>Choque</p> <p>Dbl F- Sex</p>

	Eixo central como limites vermelho e cinza superior	
--	---	--

Prova das escolhas

+ + Não gosto muito de nenhum...mas tá bem!! Escolho o X

-- Não quero responder...

Mãe: VII. Ai meu deus, meu deus, meu deus...parece confuso!!! Esta parece a mãe quando era nova (esq).

Pai: VII. Agora é para ver o pai? Este é o pai quando era novo (Dta).

Medo: I e III. A que tenho medo? Posso dizer duas ou mais? Tenho medo!!_Porque é um papa-formigas e eu odeio(I)...nunca imaginei o que seria da minha vida se fosse papa-formigas!!Esta parece uma mosca morta...(III)e eu não gosto, parece que está aberta e tem sangue a escorrer. Por exemplo se estivesse aqui uma mosca eu tinha medo!!

Alegria: IX. Como assim...?? Ih...ih... Esta porque estão dois meninos a divertir-se, a brincar, no mar. Esta mostra alegria.

Tristeza: V e VI A tristeza...vai cantarolando enquanto manuseia as pranchas. Só são estas...pêra deixa-me só verificar....Eu acho que são os dois iguais, acho que estão muito sozinhos por aí e não tem amigos. Eu não gostava de andar sozinho por aí.

Anexo C
Psicograma

R - 15 Recusas - 3 (VI;VIII;IX)	G - 5 D - 5 Dbl - 4 Gbl - 1	33,3% 33,3% 26,6% 6,6%	$\Sigma F = 10$	F+ = 6 F- = 4	A - 5 Ad - 1 (A) - 2 H - 2	F% - 66,6% F+% - 60% Fa% - 93,3% F+a% - 71,4%
Tempo total - 38'03'' Tempo/Res. - 2'37''			K - 2 Kan - 1 Kob - 1		Nat - 1 Obj - 2 Sng - 1 Sex - 1	
			FC - 1 C - 1			Ban - 2

Sucessão - Ordenada

Tipo de Apreensão - G D⁻ Dbl
TRI - 4K > 2 Σ C Introversivo
FC - 2(Kan,Kob) > 0 Σ E Introversivo
RC% - 26,6 %
IA - 13,3% ↑↑

Elementos Qualitativos

Choque - 6
Com.Subj. - 7

Prova das escolhas

++ Não gosto muito de nenhum...mas tá bem!! Escolho o X
 -- Não quero responder...

Mãe: VII. Ai meu deus, meu deus, meu deus...parece confuso!!! Esta parece a mãe quando era nova (esq).

Pai: VII. Agora é para ver o pai? Este é o pai quando era novo (Dta).

Medo: I e III. A que tenho medo? Posso dizer duas ou mais? Tenho medo!!_Porque é um papa-formigas e eu odeio(I)...nunca imaginei o que seria da minha vida se fosse papa-formigas!!Esta parece uma mosca morta...(III)e eu não gosto, parece que está aberta e tem sangue a escorrer. Por exemplo se estivesse aqui uma mosca eu tinha medo!!

Alegria: IX. Como assim...?? Ih...ih... Esta porque estão dois meninos a divertir-se, a brincar, no mar. Esta mostra alegria.

Tristeza: V e VI A tristeza...vai cantarolando enquanto manuseia as pranchas. Só são estas...pêra deixa-me só verificar....Eu acho que são os dois iguais, acho que estão muito sozinhos por aí e não tem amigos. Eu não gostava de andar sozinho por aí.

Observações: Não foi contado o Temp.lat.med. devido á indução de angustia na criança "porque é que estás a ver o tempo? Dá para não fazeres isso?"